

A Liahona 25/2 fevereiro 1972

O Profeta na Inglaterra

MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO



Bernard P. Brockbank

Assistente do Conselho dos Doze

No mundo de hoje, existe uma treva espiritual numa grande quantidade de lugares e na vida de muitos dos filhos do Senhor.

Hoje, há um geral desrespeito a Deus, desrespeito aos ensinamentos de Jesus Cristo e seus mandamentos, desrespeito à própria pessoa e ao próximo, desrespeito ao casamento e à família, desrespeito para com as sagradas Escrituras.

Muita gente tem mais amor ao próprio eu e aos prazeres do que a Deus. O homem dá mais valor às criaturas e criações de Deus do que ao Criador. Álcool, tabaco, estimulantes e tóxicos encontram amplo consumo. Muitos permitem que os apetites controlem seu cérebro e mente, em lugar de fazer a mente humana gerada por Deus dominar os apetites. O amor com frequência é transformado em luxúria. O amor provém de Deus, e a luxúria de Satanás.

A mocidade e muitos mais preocupam-se com o presente e o futuro. Muitas vêzes, ouço a pergunta: "O que pode oferecer-me o presente e o futuro?"

Meus jovens, tudo o que o vosso Deus e vosso Salvador já ofereceram ao homem mortal está ao vosso dispor também nos dias de hoje. Podeis obter o conhecimento do Deus vivente e do Cristo vivo agora.

NESTE NÚMERO

Mensagem de Inspiração. Bernard P. Brockbank 2
Mensagens aos Santos... Pres. Joseph Fielding Smith 3
Reflexões de um Missionário. Hugh B. Brown 8
A Mensagem da Restauração. Pres. A. Theodore Tuttle 13
Não Temereis. Alvin R. Dyer 16
Pratioar o que Pregamos. Marion D. Hanks 19
Amigos do Japão 23
De um Amigo para Outro. Howard W. Hunter 24
Juca e o Escuro. Wilma J. Buitelaar 27
JIRO E O TIME DE FUTEBOL. Bernardine Beatie
"Quando Te Converteres". Pres. S. Dilworth Young 31
CONFERÊNCIA EM MANCHESTER. 34
Perguntas & Respostas. 36
O Reino de Deus. Teodore M. Burton 40
Todos Podem Participar... Eldred G. Smith 43
PACHANEE. Mickey Goodwin 45
Élder Richard L. Evans. Marion D. Hanks 48
Notícias da Igreja no Brasil 50

CAPA

A capa deste mês reproduz duas fotografias tiradas nas Ilhas Britânicas. Na frente, aparece o Presidente Joseph Fielding Smith, idoso profeta de 95 anos, vidente e revelador d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, percorrendo um jardim de roseiras perto de Manchester, Inglaterra, em companhia do Élder Derek A. Cuthbert, representante regional dos Doze para a Região Inglaterra-Escócia Setentrional. Na conferência geral regional, realizada em Manchester, o Presidente Smith pronunciou cinco discursos, dois dos quais constam do presente número.

A capa posterior recorda outro presidente da Igreja — Wilford Woodruff. Mostra três crianças, Trudy e Cindy Wiseman e Clifford Greenhouse, do Ramo de Hereford, junto ao pequeno lago da propriedade de John Benbow, em Herfordshire, onde o Élder Woodruff, então membro do Conselho dos Doze, batizou umas seiscentas pessoas no no de 1840. (Fotografias de Doyle L. Green).

A Liahona 25/2 fevereiro 1972

Publicação Mensal da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias editada pelo
CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675 — 282-5948

EDITOR
Hélio da Rocha Camargo

REDATOR
Aldo Francesconi

ESTACA SÃO PAULO
R. Brig. Faria Lima, 1980, São Paulo, SP

ESTACA SÃO PAULO LESTE
R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

CORRESPONDENTE
Dante T. J. Pantiga

ESTACA SÃO PAULO SUL
R. Catequese, 432, Santo André, SP

CORRESPONDENTE
Nívio Varella Alcover

ESTACA DE CURITIBA
R. Gottlieb Muller, 96, Curitiba, PR

MISSÃO BRASIL CENTRAL
R. Henrique Monteiro, 215
CP 20.809, São Paulo, SP
Tel. 80-4638

CORRESPONDENTE
Alan Millet

MISSÃO BRASIL SUL
R. Princesa Isabel, 342
CP 1513, Pôrto Alegre, RS
Tel. 23-0748

CORRESPONDENTE
Mauro G. de Freitas

MISSÃO BRASIL NORTE
R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
CP 2502, ZC-00, Rio de Janeiro, GB
Tel. 225-1839

CORRESPONDENTE
Walmir Silva

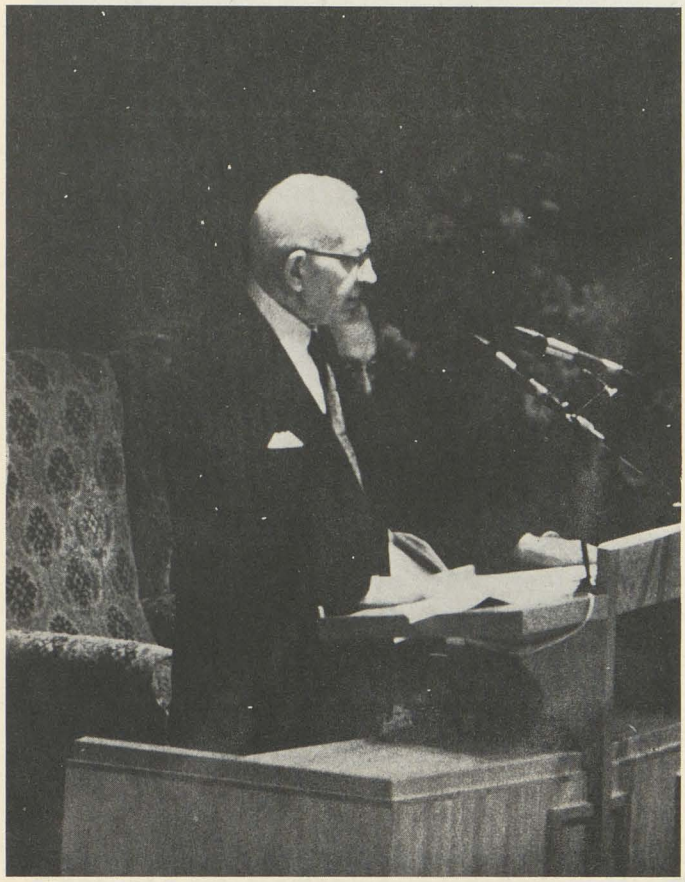
CONSTRUÇÃO GERAL NO BRASIL
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 288-4118

CORRESPONDENTE
Manoel Marcelino Netto

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressôras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editôra Gráfica Lopes, Rua Francisco da Silva Prado, 172, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações espontâneas e matéria oriunda dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

SUBSCRIÇÕES: Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatural anual para o Brasil: Cr$ 12,00; para o exterior, simples: US$ 3,00; aérea: US$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 1,20; exemplar atrasado: Cr$ 1,50. As mudanças de enderêço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o nôvo enderêço, devendo-se aguardar até oito semanas para o processamento postal.



Mensagem proferida na sessão da tarde de domingo, 29 de agôsto p.p., da conferência geral regional em Manchester.

Mensagens aos Santos da Grã-Bretanha

Presidente Joseph Fielding Smith

Presidente d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Discurso de Abertura

Meus caros irmãos e irmãs: Sou imensamente grato pela oportunidade de cumprimentar os membros da Igreja na Grã-Bretanha, e o faço em amor, fraternidade e unicidade.

Vós sois as pessoas mais especiais, abençoadas e favorecidas de toda esta nação, por pertencerdes à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; porque tomastes sobre vós o nome de Cristo, com o convênio de amar e servi-lo em todos os vossos dias; e porque estais no caminho que conduz à vida eterna no reino de nosso Pai.

É motivo de grande satisfação para mim e meus irmãos que a Igreja se tenha desenvolvido a ponto de tornar aconselhável e necessário a realização de conferências gerais em vários países. E o que poderia ser mais apropriado do que iniciar este novo progresso aqui nas Ilhas Britânicas, lugar de onde proveio tanto reforço para a Igreja nos primórdios desta dispensação.

Suponho que todos vós sabeis, que exceto o Profeta Joseph Smith, todos os presidentes da Igreja serviram como missionários nesta grande nação. Também eu fui missionário aqui,



há mais de setenta anos, e muitas coisas importantes aconteceram na Igreja e no mundo desde aqueles dias, inclusive a realização desta conferência em Manchester hoje.

Somos membros de uma igreja mundial, uma igreja que possui o plano de vida e salvação, uma igreja estabelecida pelo próprio Senhor nestes últimos dias, a fim de levar sua mensagem salvadora a todos os filhos seus no mundo inteiro.

Há muito já se foi o dia em que as pessoas informadas nos consideravam um grupo esquisito radicado nos altos das Montanhas Rochosas, na América do Norte. Não deixa de ser verdade que a sede da Igreja fica na Cidade do Lago Salgado e que lá se erigiu a casa do Senhor à qual vieram pessoas de muitas nações, a fim de aprender a sua lei e andar em sua senda.

Mas agora estamos atingindo a maioridade como igreja e como povo. Atingimos a estatura e o vigor que nos capacitam a cumprir a comissão que nos foi dada pelo Senhor, por intermédio de Profeta Joseph Smith — levar as boas novas da restauração a todos os países e a todos os povos.

E não somente devemos pregar o Evangelho entre todas as nações antes da segunda vinda do Filho do Homem, mas também converter e estabelecer congregações de santos no meio delas.

O Profeta Néfi anteviu nossa época em visão. Viu grande iniquidade e muitas abominações entre os homens. Viu as forças do maligno que teriam "domínio sobre a terra e sobre todas as nações, famílias, línguas e povos".

E ele viu "também a igreja do Cordeiro de Deus" e viu "que o seu número era pequeno", comparativamente. Contudo, observou que os membros da "igreja do Cordeiro, que era a dos santos de Deus" estavam espalhados "sobre toda a face da terra". Eram encontrados entre todas as nações da terra.

E por isso afirmo que somos e seremos uma igreja mundial: este é o nosso destino. É parte do programa do Senhor. "O povo do convênio do Senhor" está "espalhado sobre a face da terra", e cabe-nos ir a todas as nações, a fim de trazer esses eleitos para a Igreja, proporcionar-lhes o conhecimento de seu Redentor, para que sejam herdeiros da salvação em seu reino.

Assim, a Igreja não é uma igreja americana, exceto na América. No Canadá, é uma igreja canadense na Austrália, é australiana, e na Grã-Bretanha, é uma igreja britânica. É uma igreja mundial; o Evangelho é para todos os homens.

Existe somente "um Senhor, uma fé, um batismo, um Deus e Pai de todos" e uma só igreja verdadeira, A Igreja de Jesus Cristo dos





Santos dos Últimos Dias, da qual afirma o Senhor é "a única igreja verdadeira e viva sobre a face de toda a terra".

O Evangelho propriamente dito é o mesmo, seja onde for; existe um único plano de salvação. Há somente um caminho para o homem ganhar uma herança celestial de glória eterna, e este é abandonar os caminhos do mundo, ter fé no Senhor Jesus Cristo, entrar no reino dele através da porta do batismo, receber o dom do Espírito Santo, depois guardar seus mandamentos.

Respeitamos os filhos do Pai de todas as outras seitas, partidos e denominações, não desejando outra coisa senão vê-los adquirir com todos nós a luz e o conhecimento adicionais que recebemos por revelação, tornando-se participantes das grandes bênçãos da restauração do Evangelho.

Pois nós temos o plano de salvação; nós administramos o Evangelho; e o Evangelho é a única esperança do mundo, o único meio que trará paz à Terra e corrigirá as injustiças nela existentes.

Digo que, à medida em que os membros do reino vierem a compreender a envergadura mundial da Igreja, verão que isto impõe maior responsabilidade aos santos em cada nação.

Quando perguntaram a Joseph Smith como conseguia governar um povo tão numeroso e heterogêneo, ele respondeu: "Ensino-lhes princípios corretos e eles governam-se a si próprios."

Este é o princípio pelo qual operamos na Igreja. Esperamos que nossos membros de toda parte aprendam os princípios corretos e se governem por eles. Desejamos ver os santos de todas as nações receberem as bênçãos plenas do Evangelho e serem os líderes espirituais de seu povo.

Os santos da Grã-Bretanha têm direito a toda bênção e todo dom espiritual, tão logo se qualifiquem para recebê-los. O Senhor nunca recusa qualquer coisa boa a seus santos fiéis, desde que estejam preparados para recebê-la.

Queremos que a Igreja se desenvolva e floresça aqui. Vós já possuís um templo dedicado ao Senhor, no qual podeis receber as ordenanças e bênçãos das quais promana a exaltação.

Almejamos ver o dia em que haverá estacas de Sião por todas as partes do país, e é preciso que o povo britânico se prepare para prestar serviço nas alas e estacas. A obra missionária entre os milhões de filhos do nosso Pai Celestial que habitam nesta parte favorecida do mundo deve ser feita em grande escala por vossa própria gente.

Prevemos um grande futuro para a Igreja aqui, e esperamos que os santos britânicos, sem exceção, cumpram os seus deveres e se



preparem para promover a obra do reino e façam tudo o que devem para realizar sua salvação. A maior necessidade de todos os santos e todas as nações é guardar os mandamentos e viver de maneira que mereçam a companhia do Santo Espírito. Só assim os santos de todas as nações serão verdadeiramente um só povo, o Senhor ficará satisfeito com nosso trabalho e a obra prosperará no mundo inteiro.

Agora, desejo que saibais, que o mundo inteiro saiba, que este trabalho no qual estamos engajados é verdadeiro. Tenho certeza absoluta de sua veracidade e divindade. É a obra do Senhor; a sua mão está nela; e ele é o cabeça desta igreja. Ele restaurou o seu Evangelho eterno para a bênção e benefício de todos os que acreditarem em suas leis e obedecerem a elas.

Testifico-vos que o Senhor tem falado em nossos dias; que sua mensagem é de esperança, alegria e salvação; e prometo-vos que, se andardes na luz dos céus, merecerdes a confiança em vós depositada e guardardes os mandamentos, tereis paz e alegria nesta vida, e vida eterna no mundo vindouro.

Em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

Discurso de Encerramento

Caros irmãos e irmãs:

Estamos chegando ao fim de uma maravilhosa e memorável conferência — uma conferência geral da Igreja realizada em solo britânico, e espero que se torne o modelo para as que se farão em outros países e locais.



Reunimo-nos para servir ao Senhor, para adorá-lo em Espírito e em verdade, para participar da sua bondade e de seu Espírito, e não fomos desapontados. Ele nos abençoou sumamente; sentimos uma rica efusão do seu Espírito. Os testemunhos que foram prestados, os conselhos recebidos e a doutrina que aprendemos foram realmente bons e edificantes, e estou certo de que agradaram ao Senhor a quem pertence esta Igreja.

Permiti-me acrescentar meu testemunho e bênção a tudo o que foi dito. Sinto que a Igreja prosperará na Grã-Bretanha num grau muito maior do que tem sido no passado.

Nos dias de Brigham Young, Heber C. Kimball e Wilford Woodruff, e dos outros apóstolos e missionários aqui enviados pela Voz do Espírito, uma rica colheita de almas foi trazida para o reino. Essas pessoas escolhidas juntaram-se aos santos da América, tornando-se uma grande força de vigor e liderança.

Hoje, entretanto, estamos em uma nova era de crescimento e expansão da Igreja. Estamos levando o Evangelho aos confins da terra e procurando edificar o reino em cada nação



e entre todos os povos, tão rapidamente quanto o permitem nossas forças.

As diversas estacas de Sião, um templo dedicado ao Senhor, um considerável número de capelas e prédios de estaca e trabalho missionário de muito êxito, testificam o fato de que a Igreja está atingindo sua maioridade na Grã-Bretanha e sendo expandida e fortalecida entre um dos melhores povos da terra.

Esperamos que este progresso continue, até que o Evangelho se torne uma influência crescente e santificadora por todo o país. O Evangelho é para todos os homens, e a Igreja será estabelecida em toda parte, em todas as nações, mesmo até aos confins da terra, antes da segunda vinda do Filho do Homem.

A vós cabe a responsabilidade de edificar o reino aqui entre vosso próprio povo. Os santos dos últimos dias, seja onde for, são e devem ser uma luz para o mundo. O Evangelho é uma luz irrompendo nas trevas e toda pessoa que recebe a sua luz torna-se um farol e guia para todos cuja vida é por ela tocada.

Vossa responsabilidade aqui na Grã-Bretanha é serdes testemunhas vivas da veracidade e divindade desta obra. Esperamos que vivais realmente o Evangelho e realizeis vossa própria salvação, e que outros, observando vossas boas obras, sejam levados a glorificar nosso Pai que está nos céus.

Antes de encerrarmos esta conferência, desejo mais uma vez testificar-vos que a obra em que estamos engajados é verdadeira. Ela é a obra do Senhor e não fracassará. Ele, pela segunda vez, propôs-se a trazer Israel para a Igreja, e desta vez, levantará congregações de seus santos em todos os lugares.

Sua obra não pode ser sustada. Tendes tido e tereis dificuldades a superar, obstáculos a transpor, mas o trabalho do Senhor há de triunfar e os seus propósitos vencerão. No final, a verdade sempre prevalece, e esta obra é verdadeira.

Sou imensuravelmente grato pela obra em si e pela vida e o ministério de Joseph Smith, meu grande tio, e do meu avô, o Patriarca Hyrum Smith. Eles e outros lançaram os fundamentos sobre os quais estamos construindo.

Sei que Deus vive; que Jesus é o Cristo; que esta é a Igreja do Senhor, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, o reino de Deus na terra, o único lugar ao qual os homens precisam vir para ganhar paz nesta vida e encontrar a esperança de glória eterna nas esferas vindouras.

Prometo-vos que o Senhor vos abençoará individual e coletivamente, se o buscardes de todo o coração e guardardes seus mandamentos. E vos abençôo por vossa devoção à verdade, orando que o Senhor abra as janelas dos céus e derrame retidão sobre vós.

Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Reflexões de um Missionário

Hugh B. Brown
Do Conselho dos Doze

Por razões bastante óbvias, a Grã-Bretanha e seu povo ocupam um lugar todo especial em meu coração. As experiências que tive ali, a partir de 1904 como jovem missionário, têm sido uma grande fonte de força e testemunho.

A convite do **Ensign,** tenho grande prazer em compartilhar algumas delas com vocês. Em 1904, fui fazer uma missão na Inglaterra, sendo mandado para Norwich pelo Presidente Heber J. Grant, que então dirigia as missões européias. Ao chegar lá, o presidente do distrito designou-me para Cambridge, dizendo: "Desejo que vá com o Élder Downs (que já estava com quarenta e cinco anos, e eu vinte e um). Ele partirá para a França na manhã após chegarem lá, porque sua missão terminou. Não existe outro santo dos últimos dias num raio de cento e noventa quilômetros de Cambridge, e assim, você estará só." Depois, acrescentou: "Talvez lhe interesse saber, Irmão Brown, que o último élder mórmon que esteve em Cambridge foi expulso pelo populacho à ponta de armas, com a advertência de que o próximo missionário que atravessasse os limites da cidade seria morto à bala sem aviso. Achei que gostaria de saber disso."

Não fiquei contente em sabê-lo, mas pensei que era bom não desconhecer isso.

Então, fomos para Cambridge. Por toda a cidade, havia sinais de que já sabiam de nossa chegada iminente, pois letreiros demonstravam a sua antipatia. Era esse o método de nos dar as boas-vindas. Um desses letreiros na estação ferroviária mostrava um homem enorme e barbudo, tendo uma mulher deitada a seus pés com a cabeça sobre um cepo, com os dizeres: "Você aceita ou não a poligamia?" Foi esta a nossa recepção.

O Élder Downs partiu na manhã seguinte, depois de me ensinar como se preparavam os folhetos. Na sexta-feira, saí a distribuí-los, andando a manhã inteira sem outro resultado do que me baterem com a porta na cara; à tarde, também aconteceu o mesmo e eu voltei para casa bastante desanimado. Resolvi sair novamente na manhã de sábado, embora isto não fosse exigido. Os resultados não foram melhores e cheguei em casa completamente deprimido e desacorçoado, pensando que deveria ir-me embora. Achei que o Senhor cometera um engano, mandando-me trabalhar em Cambridge.

Eu estava sentado junto ao que chamam de lareira acesa lá na Inglaterra, umas chamas minúsculas, com



Os presidentes das missões européias e respectivas esposas, evacuados no princípio da II Guerra Mundial, reuniram-se na casa do Élder Joseph Fielding Smith do Conselho dos Doze, durante a temporada de Natal de 1940.
Fila de trás: da esquerda para a direita: Wallace F. Toronto (Tchecoslováquia), A. Richard Peterson (Noruega), Hugh B. Brown (Grã-Bretanha), Mark B. Garff (Dinamarca), Franklin J. Murdock (Países Baixos), Myron Douglas Wood (Alemanha Ocid.) Gustive O. Larson (Suécia).
Fila central: Margaret Peterson, Joseph E. Evans (França), Fawn McKay, Thomas E. MacKay (Suíça-germânica), Jessie Evans Smith, Presidente Smith, Norma Evans, Zina Brown.
Primeira fila: Virginia Larson, Claire Murdock, Martha Toronto, Gertrude Garff, Evelyn Wood.

um grande relógio antigo ao lado, imerso em auto-comiseração; quando ouvi baterem na porta da frente. A dona da casa foi atender. Escutei uma voz de homem perguntar: "É aqui que mora um tal de Élder Brown?" e pensei comigo: **Oh, oh, cá estamos!**

Ela respondeu: "Claro, ele está na sala da frente. Entre, por favor."

O homem entrou e indagou: "É você o Élder Brown?"

Não fiquei surpreso com a inflexão da sua voz, pois que minhas maneiras desajeitadas e fala hesitante mostravam que também fora criado no campo. "Sim, senhor," respondi.

"Foi você quem deixou este folheto na minha porta?" prosseguiu.

"Sim, senhor, fui eu," ao que ele explicou:

"No domingo passado, dezessete chefes de família deixaram a Igreja Anglicana. Fomos todos para a minha casa, onde há uma sala bastante grande. Todos temos família numerosa, ficando a sala cheia de homens, mulheres e crianças. Decidimos orar durante a semana inteira, pedindo ao Senhor que nos enviasse um novo pastor[1]. Hoje à tarde, quando cheguei a casa, eu estava desanimado, pois achava que nossas orações não haviam sido ouvidas. Mas, ao encontrar este folheto debaixo da porta, soube que o Senhor havia respondido a nossas súplicas. Você quer vir amanhã à noite, e ser o nosso novo pastor?"

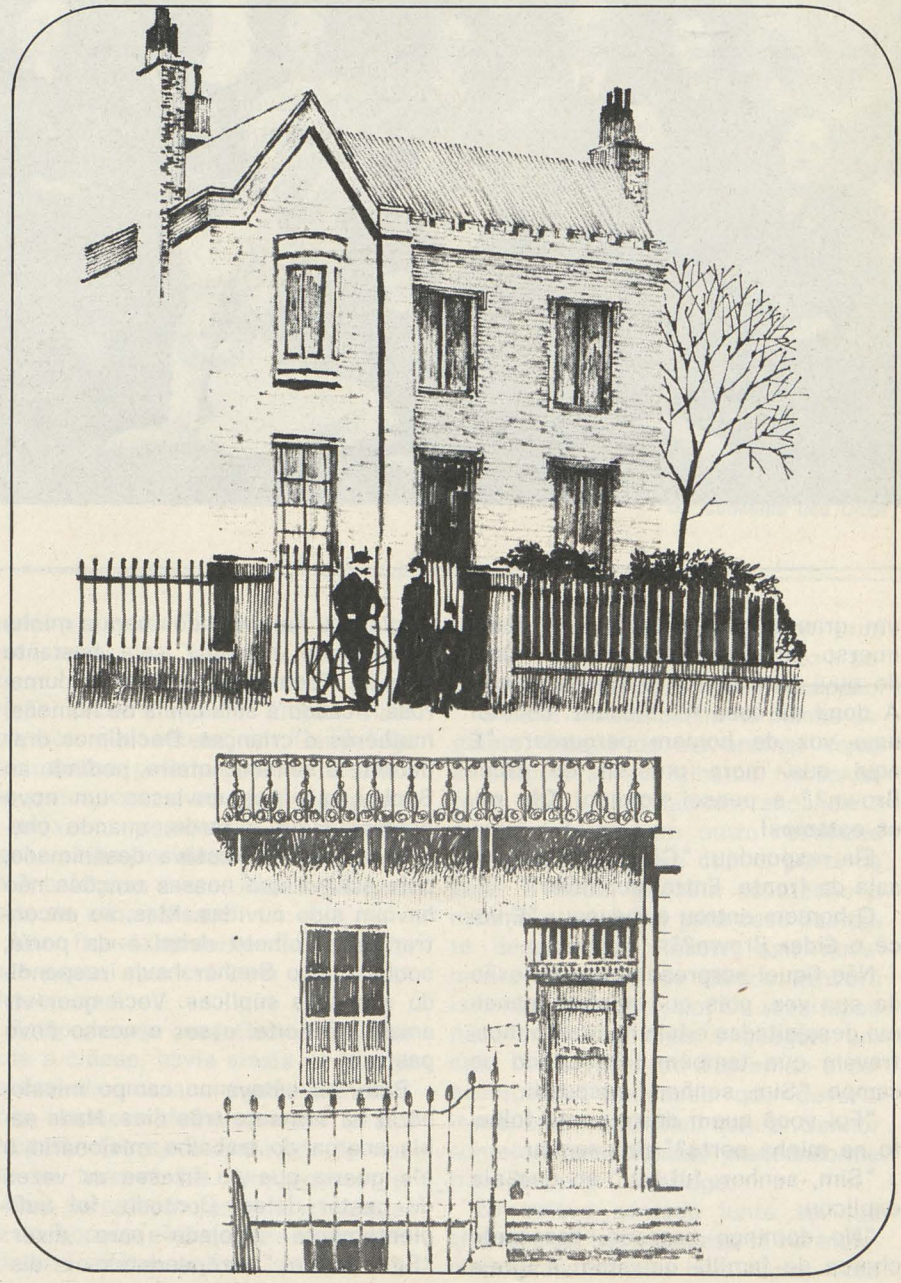
Bem, eu estava no campo missionário há somente três dias. Nada sabia acerca do trabalho misionário e ele queria que eu fizesse as vezes de pastor deles. Contudo, fui suficientemente arrojado para dizer: "Sim, eu irei," arrependendo-me disso daquele exato momento até a hora da reunião.

Ele foi embora e com ele, também o meu apetite! Chamei a dona da casa e disse-lhe que não queria comer nada. Subi para o quarto e preparei-me para dormir. Ajoelhei ao lado da cama e pela primeira vez na vida, falei realmente com Deus. Contei-lhe minha situação embaraçosa, implorando sua ajuda. Pedi que me orientasse, roguei mesmo que me livrasse dela. Afinal, levantei e fui para a cama, mas não conseguia dormir. Por isso, levantei e orei novamente, e assim passei a noite inteira — mas falei realmente com Deus.

Pela manhã, disse à dona da casa que dispensava o desjejum e fui para os terrenos da universidade, por onde vaguei a manhã inteirinha. Voltei para casa ao meio-dia e disse que não queria almoçar; depois, fiquei

As Missões Britânica Européia tinham sua sede na Holly Road n.º 10, em Liverpool, na época em que o Élder Brown cumpriu sua primeira missão na Grã-Bretanha.

Quando o Élder Brown retornou à Grã-Bretanha, como presidente de missão em 1937, as sedes estavam localizadas na Gordon Square n.º 5, Londres.



andando toda a tarde. Minha mente parecia estar em curto-circuito — a única coisa que conseguia pensar era: "Hoje à noite, tenho que ir àquela casa e bancar o pastor."

Cheguei ao meu quarto às 18:00 horas, onde fiquei sentado, meditando preocupado e imaginando o que iria ser. (Quero adiantar que após aquela época, tive a experiência de ficar sentado ao lado de um homem condenado a morrer na manhã seguinte. Ao ficar ali observando suas emoções, recordei-me do que passara naquela noite. Penso que me sentia tão mal quanto ele.) A hora da execução se aproximava. Finalmente chegou o momento em que o relógio indicava 18h45m. Ergui-me e vesti minha longa sobrecasaca, botei o chapéu-coco, peguei a bengala (acessório imprescindível naquele tempo), as luvas de pelica, meti uma Bíblia debaixo do braço, e realmente arrastei-me até o endereço indicado, deixando um rastro ininterrupto por todo o caminho.

No momento em que cheguei ao portão, apareceu o homem, o mesmo

que vira na noite anterior. Com uma mesura extremamente polida, cumprimentou-me, dizendo: "Entre, por favor, senhor Reverendo." Nunca antes eu fora chamado assim, entrei e vi a sala repleta de gente, todos se levantando em homenagem ao seu novo pastor, e isso me deixou morto de medo.

Então cheguei ao ponto em que comecei a pensar no que devia fazer, compreendendo que tinha que dizer algo sobre cantar um hino. Sugeri que cantássemos "Ó Meu Pai", encontrando somente olhares atônitos. Nós o cantamos — foi um horrível solo de vaqueiro. Daí, pensei: se eu conseguisse fazer aquela gente voltar-se e ajoelhar junto às cadeiras, não me ficariam olhando, enquanto eu orava. Pedi que fizessem assim, e eles atenderam prontamente. Todos se ajoelharam, eu também, e pela segunda vez na vida, falei com Deus. Todo o temor me abandonou, deixei de me preocupar. Eu estava entregando tudo nas mãos dele.

Disse-lhe entre outras coisas: "Pai Celestial, essa gente abandonou a Igreja Anglicana. Estão aqui hoje à noite para ouvir a verdade. Tu sabes que não estou preparado para dar-lhes o que desejam, mas tu és, ó Deus, aquele que poderá fazê-lo; e se eu puder ser o instrumento pelo qual tu falarás, tudo irá bem; mas, por favor, assuma o encargo."

Quando nos levantamos, a maior parte deles estava chorando, como eu. Sensatamente, dispensei outro hino e comecei a falar. Falei durante quarenta e cinco minutos. Não sei mais nada do que disse. Não era eu que falava — Deus o fazia por meu intermédio, como provam os subsequentes acontecimentos. E ele falou tão vigorosamente àquele grupo, que no fim da reunião, eles me abraçaram e seguraram minhas mãos; dizendo: "Era isto por que estávamos esperando. Graças a Deus que o senhor apareceu."

Eu me arrastara para aquela reunião, mas na volta para casa, quase não cheguei a tocar o chão, de tão exultante por Deus ter-se encarregado de uma tarefa grande demais para um homem.

Dentro de três meses, toda aquela gente, homens, mulheres e crianças, foram batizados na Igreja, não por mim, porque já havia sido transferido. Mas todos se filiaram à Igreja.

Tenho visto algumas daquelas pessoas nos últimos anos. Agora são idosas, mas dizem que nunca mais estiveram numa reunião como aquela, numa reunião na qual Deus lhes falou.

Durante a primeira missão na Inglaterra, tive uma grande experiência com o Presidente Grant. Em 1905, sofri uma crise de cálculos renais. A dor era tão forte, que os médicos locais me disseram que tinha que voltar para casa e fazer um tratamento rigoroso, ou então iria morrer.

Quando o Presidente Grant soube do caso, fez uma viagem especial de Liverpool a Norwich, onde eu trabalhava, para dizer-me que eu seria desobrigado e mandado para casa.

Como isto me partisse o coração, respondi: "Presidente Grant, se o senhor me der uma bênção, não terei que voltar para casa. Ficarei bom."

Disse ele: "Se você tem fé que é assim, assim será."

Abençoou-me, e não tive mais nenhuma crise renal.

Durante a primeira Guerra Mundial, voltei à Inglaterra como oficial do Exército Real Canadense. Muitos anos depois, em 1937, fui chamado a presidir à Missão Britânica, e viajei para lá em companhia do Presidente Grant, que então era o presidente da Igreja. Junto com o Presidente Joseph J. Cannon, cuja missão estava para terminar, fomos para o norte da Inglaterra e visitamos Preston, onde os missionários começaram a pregar o Evangelho em solo inglês.

Visitamos o local, segundo nos foi possível determinar, no qual fizeram os primeiros batismos no Rio Ribble há cem anos passados. Ali, nas margens, realizamos uma reunião bastante concorrida e inspiradora. O Presidente J. Reuben Clark Jr., da Primeira Presidência, também estava conosco nessa ocasião e fez um discurso, como também Joseph Anderson, secretário da Primeira Presidência.

Nossas reuniões com os missionários sediados em Preston foram realizadas na velha "Arena", de certa fama na história da Missão Britânica; e também na Capela Vauxhall, que fora generosamente posta à disposição dos primeiros missionários que lá pregaram.

Chegando novamente a Londres, dirigimo-nos para a sede da missão, e ali, na escada principal, o Presidente Cannon entregou-me as chaves do prédio, simbolizando as chaves da Missão Britânica.

Já em princípios de 1939, tornou-se patente que a guerra não demora-

Reflexões de um Missionário

ria; por isso, entrei em entendimentos com a companhia de navegação **United States Lines,** para que me reservasse cem passagens em um de seus transatlânticos, a serem utilizadas conforme as necessidades, provavelmente de uma só vez. A companhia concordou. No dia da declaração das hostilidades, telefonei solicitando as cem passagens reservadas. Disseram-me que havia dez mil pessoas na fila tentando sair do país, mas que honrariam o compromisso assumido.

Assim, ordenei que todos os missionários viessem a Londres. Tivemos três dias de reuniões, aguardando a partida do navio. Então, todos os missionários partiram no mesmo barco para os Estados Unidos, exceto cinco, que ficaram comigo por algum tempo.

As missionárias já haviam partido um mês antes, pois estávamos convencidos de que a guerra era inevitável e desejávamos vê-las em segurança. A Irmã Brown e nossos filhos viajaram em companhia delas.

Dessa forma, fiquei sozinho com cinco jovens élderes. O navio que partira pouco antes daquele que levava nossos missionários foi torpedeado no Oceano Atlântico, sem restar nenhum sobrevivente.

Foram dias difíceis, um tempo de profunda humildade para mim, pois fora eu que tomara a decisão de mandar todos os élderes no mesmo navio.

Parti da Inglaterra em fevereiro de 1940. Dois anos depois, pediram-me que retornasse, ainda que a guerra estivesse em pleno andamento. Minha responsabilidade então incluía ainda o trabalho de coordenador dos militares.

Naquela época, tivemos algumas experiências assaz interessantes, pois foi então que Londres sofreu os pesados ataques aéreos. Muitos prédios em volta dos escritórios da missão haviam sido destruídos por bombas. Na verdade, a casa da missão, localizada em **Gordon Square,** tinha sido bombardeada; a nova sede ficava na **Nightingale Lane,** n.º 149, numa casa chamada **Ravenslea.**

Certo dia, quando estava no quintal de **Ravenslea,** ouvi o ronco do que parecia ser um avião. Quando chegou a certa distância da casa, que ficava exatamente a três quarteirões de um **entroncamento** ferroviário, ouvi o motor e vi o avião mergulhar para a terra, caindo bem do outro lado da rua, onde destruiu quinze casas situadas ao longo dela.

Quando ouvi o motor daquele avião parar, tive certeza do que estava para acontecer e senti uma grande afinidade pelo chão — onde fiquei deitado, achatado contra ele. A explosão partiu os vidros de todas as janelas da casa da missão.

Eventualmente o bombardeio da área em que vivíamos tornou-se tão severo, que fomos obrigados a transferir a sede da missão para Birmingham.

O que aconteceu com a Igreja na Inglaterra, Irlanda, Escócia e País de Gales desde a guerra é um grande testemunho da divindade deste trabalho. Quando iniciei minha primeira missão ali em 1904, quem iria imaginar que viríamos a ter sete missões e nove estacas de Sião nas Ilhas Britânicas? O Senhor, sem dúvida, abençoou a sua obra.

1. **Título dado aos ministros protestantes.**



A Mensagem da Restauração

Presidente A. Theodore Tuttle
Do Primeiro Conselho dos Setenta

Meus caros irmãos e irmãs, estais aqui reunidos hoje para ouvir o Coro do Tabernáculo cantar suas músicas singularmente belas, para adorar neste dia do Sábado e aprender algo mais sobre a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Nos próximos minutos, gostaria de explicar-vos a mensagem desta Igreja.

Esta é a mensagem do Evangelho restaurado. Falo de restauração, pois a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é a igreja restaurada. Por sua organização e poder, ela é como o Salvador a estabeleceu, quando vivia na terra. A Igreja de Jesus Cristo dos "Santos dos Últimos Dias" a distingue da Igreja de



Jesus Cristo dos santos antigos. Ela foi estabelecida na época que o Senhor chama de "a dispensação da plenitude dos tempos" ou seja, a última dispensação do Evangelho.

A pedra angular de nossa mensagem é a filiação divina de Cristo. Êle era o Filho de Deus, o Pai Eterno, de quem herdou a imortalidade, ou o poder de viver. Era também o filho de Maria, de quem herdou a mortalidade, ou o poder de morrer. Por isso, pôde afirmar: "Ninguém ma tira de mim (a vida), mas eu de mim mesmo a dou,... Este mandamento recebi de meu Pai." (João 10:18)

Como Filho de Deus, tinha o poder de expiar pelos pecados de toda a humanidade. Rompeu as cadeias da morte, foi o primeiro a ressuscitar e, assim, tornou-se "as primícias dos que dormem." (Vide I Cor. 15:20) Levantou-se da tumba, retomou seu corpo terreno e, como dizem as Escrituras, "depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas e infalíveis provas, sendo visto por eles por espaço de quarenta dias, e falando do que respeita ao reino de Deus...

"E quando dizia isto, vendo-o eles, foi elevado às alturas, e...

"... junto deles se puseram dois varões vestidos de branco,

"Os quais lhe disseram: Varões galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, **há de vir assim como** para o céu o vistes ir." (Atos 1:3, 9-11. Grifo nosso)

Em Cristo está a salvação; isto é, nele e através dele, de sua expiação e sua ressurreição, podemos ser salvos pela obediência aos princípios e ordenanças do Evangelho.

Jesus Cristo é a figura central do mundo inteiro. Êle veio no meridiano dos tempos como fora predito. Os profetas do Velho Testamento previram a sua vinda. O Senhor prometeu a Adão que viria um Messias, como de fato a lei do sacrifício foi dada a Adão e sua posteridade, simbolizando a morte do Cordeiro de Deus. Esse sacrifício foi dramaticamente explicado por Moisés na comemoração da Páscoa dos judeus. Um cor-

deiro macho de um ano, sem mácula, devia ser sacrificado, seu sangue derramado, porém sem lhe quebrar osso algum. Esta ordenança se destinava a voltar a mente e o coração dos homens **para** o dia em que seria morto o próprio Cordeiro de Deus, em expiação dos pecados humanos. O sacrifício de seu Unigênito feito pelo Pai terminou com o sacrifício de derramamento de sangue.

Em seu lugar e para voltar nossa mente **ao passado,** para o sacrifício expiatório, o Salvador instituiu a ordenança do sacramento.

"... o Senhor Jesus... tomou o pão;



"E, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei: isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim.

"Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue: fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim.

"Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha." (I Cor. 11:23-26)

Proclamamos a divina Filiação de Cristo. Sabemos que ele vive hoje. Sabemos que virá pela segunda vez, como foi profetizado.

Depois que o Salvador havia chamado os doze apóstolos e estabelecido a sua Igreja, não se passaram muitos anos até que, como fora predito, a Igreja gradualmente caiu em apostasia, perdendo-se a autoridade sacerdotal de administrar as ordenanças. A Igreja degenerou em incredulidade. O poder político usurpou o que restava da organização, ocorrendo então a apostasia total. Exatamente como havia sido profetizada essa apostasia, também o foi o tempo da "restauração de tudo". (Atos 3:21)

Na primavera de 1820, um rapaz com menos de quinze anos, cuja mente "se viu sujeita a sérias reflexões", meditou a questão de qual seria a igreja verdadeira, se é que havia alguma. Seguindo a injunção das Escrituras de "pedir a Deus" (Vide Tiago 1:5), diz ele:

"... vi uma coluna de luz acima de minha cabeça, de um brilho superior ao do sol, que gradualmente descia até cair sobre mim.

"... Quando a luz repousou sobre mim, vi dois Personagens, cujo resplendor e glória desafiam qualquer descrição, em pé, acima de mim, no ar. Um deles falou-me, chamando-me pelo nome, e disse, apontando para o outro: **Êste é o meu Filho Amado. Ouve-o!"** (Joseph Smith 2:16-17)

Essa maravilhosa visão, a aparição pessoal do Pai e o do Filho, esclareceu de uma vez por todas o **fato** da existência deles. O fato de que eles vivem, o fato de que são dois seres individuais e distintos. E o fato de que nos amam.

Posteriormente a essa visão, mensageiros celestiais concederam mais poderes e bênçãos a Joseph Smith. Ele profetizou, ensinou os princípios do Evangelho, fez traduções, publicou livros de Escrituras — tanto antigas como modernas. Ele construiu templos e cidades, foi um revelador do conhecimento de Cristo, foi o servo autorizado de Deus. Cumpriu todos os requisitos para completar o perfil de um profeta. No devido tempo, Joseph Smith recebeu as "chaves do reino". Com este poder apostólico, restaurou a verdadeira igreja em toda a sua plenitude e poder. O Senhor disse a ele: "... esta geração receberá a minha palavra por teu intermédio". (D&C 5:10)

Não existe maior profeta do que Joseph Smith em qualquer das dispensações. Ele traduziu o Livro de Mórmon de placas antigas. O propósito deste livro é ser mais outra testemunha de que Jesus é o Cristo. O Senhor declarou a respeito desse livro: "E ele traduziu aquela parte do livro que eu lhe ordenei, e, assim como vive o vosso Senhor e vosso Deus, a tradução é verdadeira." (D&C 17:6)

Sabemos que não é nada popular a afirmação de que um garoto caipira de Vermont, criado na Nova Inglaterra e treinado no sertão, era um profeta. Mas, popular ou não, isto é um fato! **Joseph Smith era um profeta, e todas as calúnias e maledicências não podem contestar tal fato.** Todos os que se preocupam com o bem-estar de sua alma eterna deveriam dar atenção a essa mensagem. Todo homem que viveu desde os dias de Joseph Smith precisa aceitá-lo como profeta de Deus, a fim de poder chegar à presença do Pai Celestial.

O plano de Deus para os homens foi restituido à terra nos dias de hoje.

Os que não acreditam no chamado divino de Joseph Smith talvez não tenham considerado o assunto. Daqueles que ponderam sobre o Livro de Mórmon e a mensagem por ele restaurada, mais de duzentos recebem diariamente o testemunho de que Joseph foi realmente um profeta de Deus. Ele foi martirizado, selou seu testemunho com o próprio sangue.

Afirmamos que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é verdadeira e que tem à sua testa um profeta vivo hoje em dia.

O próprio Senhor falou que ela é "a única igreja verdadeira e viva sobre a face de toda a terra, com a qual, eu, o Senhor, me deleito..." (D&C 1:30)

Nosso atual profeta foi escolhido pelo Senhor para dirigir seus negócios e ser o seu porta-voz. Aos noventa e cinco anos, encontra-se um pouco além da meia-idade! Mas, por outro lado, o Senhor nunca especificou quão velho ou moço um profeta deve ser, nem tampouco quão alto ou baixo. Não exigiu que fosse possuidor de qualquer grau acadêmico, tornando porém absolutamente claro que tem que ser "chamado por Deus" e por **ele** ser empossado ou autorizado. E é este chamado e ordenação que qualifica o Presidente Joseph Fielding Smith. Ele é igual a outros homens, é verdade. Ri com satisfação diante de um gracejo. Se o alfinetarem, sangrará. Seu grande e sensível coração o fará chorar com a dor alheia. Está sujeito a doenças e dores. Mas há uma coisa diferente no Presidente Joseph Fielding Smith — ele é um profeta de Deus. Eu conheço este homem. E o amo. Ele tem levado uma vida de rigoroso serviço no qual sempre encontrou intensa oposição do maligno. Sempre resistiu a tudo isso. O Senhor o distinguiu com o sublime chamado de ser o seu profeta. Amo os intrépidos conselheiros que o assistem. Amo os Doze. Amo a todos os meus irmãos.

Bem, e qual será o destino desta igreja? Ela permanecerá e prosperará. Ela não pode fracassar. Continuará crescendo até encher a terra inteira. Com Cristo à testa, em constante comunicação com os líderes desta igreja, somos destinados a levar avante o trabalho que Deus lhe designou. Esta igreja levará a mensagem do Evangelho a todos os filhos do nosso Pai. Salvará os vivos e os mortos. Será difamada, e será atacada. Muitos duvidarão, alguns apostatarão. No entanto, trará para o seu aprisco os justos e honestos de alma, iniciando-os no caminho da exaltação. Muita gente hoje em dia estranha que tantas igrejas cristãs estejam vazias, conjeturando por que esta igreja continua a progredir e crescer. Para nós, isto não é nenhum mistério. Sabemos que houve uma apostasia nos tempos antigos. Sabemos que houve a restauração do Evangelho verdadeiro em nossos dias. Sabemos que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias foi organizada com poder e autoridade, e que tem um profeta vivo à sua testa. Conhecemos seu sublime destino e dispomo-nos a viver de forma a atingi-lo. Sabemos que Cristo é nosso cabeça. Cremos no triunfo final e inevitável da verdade expressa no Evangelho de Jesus Cristo. Sabemos que iremos vencer. Convidamos todos os homens de boa vontade que unam a nós na busca desse grande destino. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Não Temereis



Alvin R. Dyer

Assistente do Conselho dos Doze

No dia de Pentecostes, na velha Jerusalém, o Apóstolo Pedro declarou ao povo que Jesus Cristo, que anteriormente lhes havia sido pregado, tornaria a voltar, mas que esse dia tardaria até a restituição ou restauração de todas as coisas, e que isto havia sido prometido desde o início do mundo. A organização da Igreja de Cristo, conhecida como A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias na época atual, é parte desta restauração.

No dia de hoje, reafirmamos nossa certeza e testemunho daquilo que transpirou na organização da Igreja de Cristo nesta dispensação, há cento e quarenta e um anos. Naquele tempo, o Senhor declarou aos que ali se achavam reunidos tudo o que já havia sido realizado no tocante à restauração do Evangelho, por intermédio de seu servo Joseph Smith. Eis aqui as suas palavras:

"E deu-lhe mandamentos que o inspiraram;

"E do alto deu-lhe poder para traduzir, pe-

los meios que haviam antes sido preparados, o Livro de Mórmon.

"Que contém o registro de um povo decaído e a plenitude do Evangelho de Jesus Cristo aos gentios e aos judeus também;

"O qual foi dado por inspiração, e é conferido a outros pela ministração de anjos, e é por eles proclamado ao mundo.

"Provando ao mundo que as santas Escrituras são verdadeiras, e que Deus inspira aos homens e os chama ao seu santo serviço, nesta época e geração, tanto quanto em gerações de tempos antigos;

"Mostrando assim que ele é o mesmo Deus ontem, hoje e para sempre. Amém." (D&C 20:7-12).

A Igreja de Cristo foi restaurada nesta última de todas as dispensações, chamada pelo Senhor "a dispensação da plenitude dos tempos". (D&C 112:30). Quando completa, produzirá uma solda de todas as dispensações anteriores, com suas chaves, princípios e inteligência, desde os tempos de Adão. Sendo a derradeira, esta dispensação pressagia as doutrinas das últimas coisas, nos preparativos para a segunda vinda de Cristo, o Senhor, e o fim da existência mortal do homem sobre a terra.

A questão quanto à proximidade da segunda vinda do Filho do Homem inquieta a muitos de nós, nos dias de hoje. Ponderando esta questão, tenho pensado frequentemente em três coisas. A primeira observa-se nestas palavras do Senhor: "Mas daquele dia e hora, ninguém o sabe; não, nem mesmo os anjos de Deus no céu, mas somente meu Pai." (Joseph Smith 1:40).

Não obstante, existem sinais indicativos da proximidade desse grande evento. Por exemplo e em segundo lugar, como vivemos na última dispensação, devemos atentar para o fato de que não haverá outra. Segue-se que tudo o que Deus tencionou para a redenção e salvação do homem sobre a terra, através do plano do Evangelho, culminará nesta dispensação. Na verdade, o Senhor identifica a época atual, em particular, como um tempo de preparação. Eis as instruções dadas por ele nos primeiros dias da Igreja:

"Orai ao Senhor, invocai o seu nome, tornai conhecidos entre o povo os seus trabalhos maravilhosos.

"Invocai ao Senhor, para que o seu reino possa ir avante sobre a terra, e os seus habitantes possam recebê-lo e estar preparados para os dias que virão, nos quais o Filho do Homem descerá dos céus, vestido no resplendor da sua glória, para encontrar o reino de Deus estabelecido sobre a terra.

"Portanto, que o reino de Deus vá avante, para que venha o reino dos céus, para que tu, ó Deus, sejas glorificado nos céus e na terra, e os teus inimigos sejam subjugados; pois tua é a honra, o poder e a glória para todo o sempre. Amém." (D&C 65:4-6).

A culminância desta dispensação na sequência do tempo do Senhor verá a vinda gloriosa do Filho do Homem.

A terceira condição que pondero seguidamento concerne ao dia dos gentios, que é agora, quando o Evangelho é levado às nações gentias da terra, para que elas possam, se forem obedientes ao chamado, vir e ser contadas entre a casa de Israel. (Vide I Néfi 13, 14).

Em uma das revelações a Joseph Smith, o Senhor relacionou este período com a proximidade de sua segunda vinda:

"E, quando o tempo dos gentios chegar, entre aqueles que se assentam nas trevas, resplandecerá uma luz, a qual será a plenitude do meu Evangelho." (D&C 45:28).

Mas haverá muitos dentre eles que não o aceitarão. Referindo-se a estes, a revelação prossegue:

"Mas eles não a recebem; pois não compreendem a luz, e por causa dos preceitos dos homens, desviam de mim os seus corações." (D&C 45:29).

Mas quanto à determinação do tempo em que o Evangelho é levado aos gentios, passo a citar da mesma revelação:

"E quando começar a raiar a luz, será para eles como uma parábola que vos mostrarei.

"Vós olhais e vedes as figueiras e com os vossos olhos as vedes, e quando começam a brotar, e suas folhas estão ainda tenras, dizeis que o verão está perto;



"Assim também será naquele dia, quando eles virem todas estas coisas, então saberão que a hora está próxima." (D&C 45:36-38).

As turbulentas e apavorantes condições dos últimos dias da existência mortal, algumas das quais observamos atualmente, foram preditas por muitos profetas. Os comentários do Senhor acerca dos dias presentes, feitos quando perguntados pelos discípulos, são mais que diretos:

"... Dize-nos quando serão estas coisas que disseste concernente à destruição do templo e dos judeus; e qual é o sinal da tua vinda e do fim do mundo..." (Joseph Smith 1:4).

Ele, então, deu-lhes respostas específicas sobre o que aconteceria aos judeus, e depois voltou-se às condições dos últimos dias. Eis aqui parte do que disse:

"E eles ouvirão de guerras e rumores de guerras.

"Eis que falo por amor de meus eleitos; porque nação se levantará contra nação, reino contra reino; haverá fomes, pestes e terremotos em diversos lugares.

"E novamente, por causa da iniquidade que se multiplicará, o mar de muitos se resfriará; mas o que não for vencido, será salvo.

"E novamente, este Evangelho do Reino será pregado em todo o mundo, para testemunho a todas as nações, e então virá o fim, ou a destruição dos iníquos." (Joseph Smith 1:28-31).

Com fonte de garantia e esperança, para instalar ânimo no coração dos santos, o Senhor deu o seguinte conselho por revelação, com o qual quero encerrar minhas observações:

"... Eu vos digo, sede um; e se vós não sois um, não sois meus.

"E outra vez, vos digo que o inimigo em câmaras secretas procura tirar as vossas vidas.

"Vós ouvis falar de guerras em países distantes e dizeis que logo haverá grandes guerras em países distantes, mas vós não conheceis os corações dos homens na vossa própria terra.

"Eu vos digo estas coisas por causa das vossas orações; portanto, acumulai sabedoria em vossos seios, para que a maldade dos homens não vos revele estas coisas pela sua iniquidade, de uma maneira que fale aos vossos ouvidos com uma voz mais alta do que aquela que fará estremecer a terra; mas se estiverdes prontos não temereis." (D&C 38:27-30).

Não deveis temer, porque, como o Senhor declarou em outra ocasião, o ajuntamento e a fidelidade dos santos representa um refúgio protetor contra as condições aterradoras que temos de enfrentar. O Senhor nos deu um modelo em todas as coisas, para que não sejamos enganados, pois Satanás anda pela terra enganando as nações. (Vide D&C 52:14).

Sei, meus irmãos e irmãs, que Deus vive. Sei que Jesus é o Cristo. Sei que a mensagem da restauração é verdadeira e, se formos fiéis, não precisamos temer aquilo que virá. Afirmo isto em nome de Jesus Cristo. Amém.

Praticar o que Pregamos

Marion D. Hanks

Assistente do Conselho dos Doze



Esta manhã, ao agradecer ao Irmão Hinckley pelo belo sermão de domingo, mencionei uma recordação de dois homens, um dos quais acabara de fazer um grande discurso. O segundo, ao tecer elogios e agradecer-lhe, disse: "Foi um grande sermão. Quisera tê-lo feito eu", ao que o outro respondeu: "Você o fará."

Suponho que muitos de nós transmitiremos alguns dos grandes sermões que ouvimos nesta conferência.

Meu tema esta manhã é praticar aquilo que pregamos. Presumo que todos entendam o que isto significa. Domingo passado, em Logan, escutei uma excelente professora repetir um diálogo com uma garotinha de sua classe. Ela perguntou-lhe: "O que significa praticar o que você prega?" "Oh," disse a garotinha, "é a gente escrever o discurso e depois repetilo muitas vezes antes de apresentá-lo na Igreja."

Neste momento, gostaria de falar um pouco sobre a interpretação mais convencional de praticar o que pregamos.

Uma noite destas, fui ao hospital visitar minha irmã gravemente enferma. Seu marido e familiares estavam rodeando sua cama, realizando a reunião familiar que estava sendo dirigida pelo quarto filho missionário que acabava de regressar do estrangeiro. Juntei-me a eles, e depois voltei para casa, regozijando-me e agradecendo a Deus aquele exemplo. Encontrei minha própria família à minha espera, e juntos oramos, para que pudéssemos cumprir melhor a tarefa de praticar o que pregamos.

Voltei a visitá-la esta manhã e, juntos, dirigimo-nos ao Senhor, e é no espírito desta experiência solene que presto meu testemunho hoje.

O que muitos de nós achamos que deveríamos praticar, ou praticar melhor? Qual é o nosso dever? O que nos é ordenado? O que pregamos?

Bem, uma das coisas importantes que pregamos é que os pais devem amar e ensinar seus filhos, e dar-lhes um bom exemplo, e que os filhos devem honrar aos pais e obedecer-lhes. Os pais devem amar e apegar-se um ao outro; e os filhos, como disse Benjamim, devem amar-se mutuamente e servir uns aos outros. Somos ensinados a nos reunirmos semanalmente em uma reunião familiar, a orar em família, a prestar contas dos dízimos que pagamos, a comparecer as reuniões sacramentais e adorar juntos como família. Espera-se que jejuemos juntos e entreguemos ao bispo o equivalente ao que deixamos de consumir, para atendimento dos que se acham em necessidade.

Devemos receber os mestres familiares como família e responder às suas instruções e perguntas. Motivados pela sublime imagem da família no credo da Igreja, deveríamos estar lendo e aprendendo em conjunto, trabalhando juntos, passando horas agradáveis e alegres à mesa das refeições, apoiando-nos mutuamente nas atividades escolares, religiosas e cívicas. Deveríamos estar planejando e executando projetos em conjunto, edificando nossos costumes e hábitos em uma continuidade de gerações.

Praticar o que Pregamos



Tudo isto nos é ensinado e incentivado a fazer.

Mas, esta manhã, não quero falar de dever, mandamento ou admoestação, por mais proveitosas e sagradas que sejam estas palavras. Desejaria antes falar de convite, de oportunidade, de privilégio, de amor, de com gratidão aproveitar o tempo, enquanto há tempo para gozar as bênçoes da família e do lar.

Quanta alegria estamos perdendo, que poderíamos ter e deveríamos ter, alegrias que podemos usufruir tão somente em nossa própria casa e em nenhum outro lugar, somente no seio de nossa própria família e com nenhum outro grupo?

Seria bastante instrutivo examinarmos os hinos que cantamos. Nossas crianças cantam: "Sou um filho de Deus, por ele mandado vim. Deu-me um bom lar, e também pais tão caros para mim." Nossa juventude maravilhosa canta como o fez em testemunho esta manhã "Dos montes temos a força...", e as irmãs da Sociedade de Socorro e todos nós:" tudo é belo em derredor, com amor no lar..."

Nossos vínculos com Deus e de um para com outro são eternos. Nossos lares são santuários das coisas e cuidados do mundo. Nossa família é o âmago de nossas esperanças eternas. Nosso amor é o tênue fio que nos liga numa união infinita, criativa e crescente. São estas as coisas em que acreditamos e que pregamos. Podemos fazer mais para usufruir as bênçãos desses conceitos em nossa vida, no nosso lar e nossa família? Poderíamos agir melhor, enquanto há tempo para praticar o que pregamos?

Matthew Arnold[1] escreveu em **Empedocles on Etna:**

"Gostaríamos de ter paz interior

Mas não queremos olhar para dentro,"

Lancemos um olhar, por uns momentos, para o nosso íntimo, nosso lar e família, enquanto ofereço um ou dois felizes exemplos do que estou falando.

Cerca de doze anos atrás, recebi, de manhã cedinho, um chamado de um querido amigo que é médico. Pedia-me que fosse ao hospital para com ele abençoar o filho recém-nascido que se encontrava em perigo de vida. Enfiamos as mãos na incubadora, colocando-as sobre o corpo minúsculo e oramos. Depois, ficamos esperando com sua mãe que ele melhorasse. Estavámos ainda ali, quando veio o pediatra para anunciar que ele iria sobreviver. De fato, venceu a difícil prova, crescendo com um excelente intelecto e um espírito forte e indomável. Somente um par de pernas não tão vigorosas como serão algum dia recordam ao Larry quão abençoado é por estar vivo.

Recentemente, o irmão maior desse garotinho retornou, após fazer uma honrosa missão a serviço do Senhor. Um tio perceptivo, depois de observar o encontro no aeroporto, escreveu a Larry uma carta que tive o privilégio de ler. Solicitei e obtive a permissão de citá-la. Gostaria de que conhecêsseis um rapaz santo dos últimos dias, diácono recém-ordenado, que procura praticar o que pregamos.





"Querido Larry", dizia a carta, "ontem senti uma lágrima nos olhos mesmo sem ter descascado cebolas! Mais do que isso, foi-me gravado na memória um quadro que nunca esquecerei.

"Não é mais que justo que lhe agradeça pelo nó na garganta, pelas lágrimas e pelo quadro, pois um excelente rapaz chamado Larry Ellsworth deu-me todos os três... sem mesmo sabê-lo ou pedir-me um recibo.

"Começou quando ficou esperando pelo irmão que retornava de um distante país chamado Chile, onde servira a nosso Pai Celestial como missionário durante dois anos. Podia-se perceber que aqueles dois anos haviam sido mais longos para o rapazinho do que para outra pessoa qualquer. Ele estava tão ocupado, tão pálido, tão absorvido em apenas vigiar e esperar.

"E depois observar sua face iluminar-se, quando viu novamente o irmão! Foi como um clarão de magnésio num quarto escuro.

"Alguém confidenciou que esse maravilhoso rapaz ficara guardando seus centavos durante dois anos, a fim de comprar uma bola de basquete para o irmão mais velho... a "melhor" e mais cara bola de basquete que existe, porque o amava tanto! Ele não permitiu que ninguém mais contribuísse. Fora a sua idéia e seria o seu presente... a melhor maneira, com dinheiro que poderia ter gasto para si próprio, mas preferiu guardar, porque o amava tanto!

"Depois, observei esse esplêndido rapaz de pé, ao lado do irmão, sem dizer uma palavra, feliz em apenas poder olhar para ele, segurar-se em sua perna e vê-lo novamente em casa.

"Sinto um amor e admiração especial por esses dois rapazes — o gigante que foi sozinho para muito longe, a fim de fazer o que é certo, e o irmãozinho que ficou esperando, planejando e recordando.

"Larry, você é um belo garoto. Estou certo de que será grande homem... pois tem um enorme coração e uma consciência sensível. Alguns talvez possam correr mais ligeiro, pular mais alto, andar mais longe, brincar mais tempo, só porque tiveram menos trabalho para nascer neste mundo. Isto não é nenhum crédito para eles. Mas você tem muito mais para ser grato, pois o Pai Celestial enviou um de seus filhos favoritos para habitar no seu corpo... e é quem vive numa casa que importa. Muito obrigado, Larry, pela lição que um tio velho e bobo aprendeu ontem, somente observando você. Com amor, Tio Dick".

Poucas semanas atrás, ouvi um presidente de estaca exortando a sua gente a edificar uma família forte e a ter prazer em seu convívio. Foi um grande sermão, mas para mim o seu ponto alto foi o relato da excursão da família para esquiar, na qual o garotinho de quatro anos quis acompanhar o resto dos familiares até o alto da encosta a fim de descer com eles. Quando lá chegaram, descobriu-se que teria que descer andando o caminho todo, em vez de deslizar sobre os esquis, pois a ram-

Praticar o que Pregamos

pa era um tanto difícil demais para a sua idade e experiência. A mãe dispôs-se a acompanhar seu filho de quatro anos, mas o filho adolescente encarregou-se como voluntário da tarefa, e com muito amor, guiou o irmãozinho montanha abaixo, em vez de descer em vertiginosa carreira como poderia ter feito. Ele alegremente sacrificou uma rápida descida pela encosta da montanha, abençoando uma família inteira com o doce espírito de amor, cuidado e apreço.

Entre os muitos que se saem maravilhosamente na prática do que pregamos, existe mais um que gostaria de mencionar brevemente esta manhã. Durante os últimos anos, nosso lar tem sido periodicamente visitado por um tipo especial de homem — o nosso mestre familiar. Ele traz consigo um filho querido que, como o Larry da carta, encontrou muita dificuldade para nascer, ficando com alguns problemas maiores a enfrentar. Pai e filho estiveram sentados lado a lado muitas vezes lá em casa, de mãos ou braços dados, ou a mão pousada num joelho, em carinhosa comunicação, sempre expressando mudamente uma permuta de amor. Como admiramos esse homem e seu filho querido!

Estes são alguns dos acordes melódicos que tornam um lar harmonioso e feliz. Bondade, consideração, cortesia, cuidado, risos, abnegação, oração, delicadeza, ajuda mútua, perdoar um ao outro, apoiar um ao outro, amar um ao outro — são as notas que compõem uma sinfonia familiar alegremente usufruída e eternamente lembrada.

Caso uma família perca seus preciosos valores humanos e se deteriore, restando apenas a forma de uma família, ela perdeu aquilo ao que se destina. Sejam quais forem as alardeadas mudanças ocorridas em nossa época, a família ainda retém o propósito mais importante de todos — a satisfação das necessidades emocionais e espirituais básicas de seus membros. Em qualquer era, disse alguém, a sociedade é uma "teia na qual a família é o filamento principal". O lar, a família e o amor são as fontes que nutrem a vida do indivíduo e a da comunidade; de fato, as fontes que poderiam redimir nosso mundo conturbado e trazer paz duradoura. As crianças têm que ser protegidas e criadas. É somente no lar que é possível assegurar à criança o amor e a orientação de que precisa para viver a vida, e somente os pais que amam de verdade podem satisfazer essas necessidades. Mas tem que ser mais que um amor pregado ou alardeado; tem que ser um amor que dedica tempo, esforça-se, ouve pacientemente, dá com liberalidade, perdoa generosamente, "provê os encantos, dignifica, adorna e embeleza as relações da vida familiar".

Mas preciso acrescentar que hoje não falo **pela** autoridade mas **com** autoridade, pois sei por mim mesmo que estas coisas são verdadeiras. Sei que são verdade, porque as experimentei pessoalmente, eu as vivi.

No lar em que me criei, havia esse tipo de amor do qual falo, embora houvesse pouco conforto material. Espero e rogo que o nosso lar feliz consiga fazer o mesmo. Naturalmente, falei o que disse hoje em parte por mim mesmo e nossa própria família, pois continuamos tendo a oportunidade e bênção de tentar progredir. Sou grato em poder agradecer ao Senhor por isso. Não sei de maior honraria nesta vida, e creio que não existe nenhuma igual que um bilhete de uma criança de seis anos, dizendo: "Sabe de uma coisa, mamãe, eu a amo", ou a dádiva graciosa de uma adolescente: "Papai, você é meu amigo e sempre o amarei", ou de um pai ou mãe a um filho ou filha queridos: "Eu o amo, sinto orgulho de você".

Será que isto não nos motiva a desejar ser o que podemos ser?

Jesus disse: "Como eu vos amei a vós... também vós uns aos outros vos ameis".

Que Deus nos ajude, pais e filhos, a aceitarmos a oportunidade, enquanto há tempo, de praticarmos em nossos lares e nossas famílias o que pregamos.

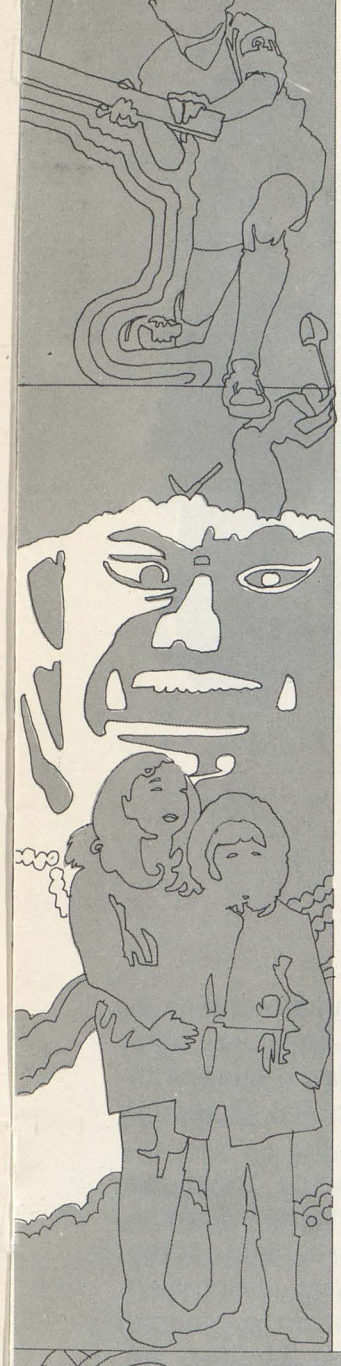
Eu sei que o Evangelho é verdadeiro, e sei que ele inclui o que nos foi ensinado sobre as relações recíprocas em nossos lares e nossas famílias. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

---

1. **Matthew Arnold, escritor e poeta inglês, 1822-1888.**



Amigos do Japão



Em fevereiro, faz muito frio no Japão, como em muitos outros lugares do mundo. Na cidade de Sapporo, que fica na grande Ilha de Hokkaido, bem lá no norte, rapazes, meninas, e adultos também, divertem-se no frio esperando ansiosamente o Festival da Neve realizado todos os anos. As esculturas de neve, limitadas a uma altura de mais ou menos dez metros, podem representar, por exemplo, um dinossauro ou algum personagem do folclore japonês. Soldados do exército aquartelados nas imediações ajudam a esculpir as figuras maiores, e durante o Festival da Neve, a cidade parece um deslumbrante reino encantado, todo branco.

O Japão fica no Oceano Pacífico, ocupando quatro ilhas principais — Kiu-shu, Sikoku, Honshu e Hokkaido — e numesoras ilhas menores, tendo uma população de mais de cem milhões de habitantes! O país também é chamado Nipão, que significa "terra do sol nascente".

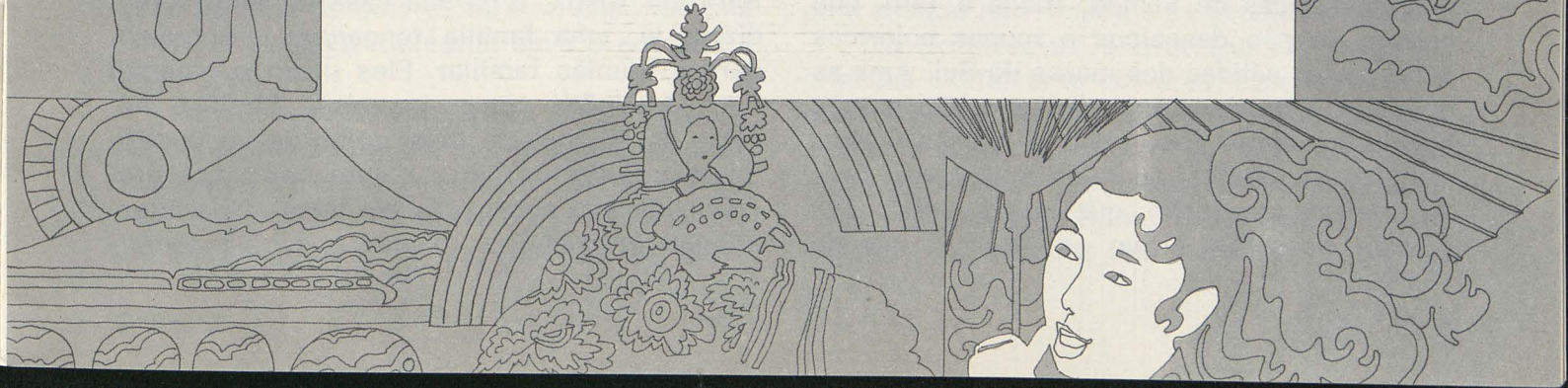
Os japoneses amam o belo em todas as suas formas. Embora muitas pessoas vivam debaixo do mesmo teto, às vêzes desde os bebês até aos bisavós, toda casa possui uma alcova onde se pode apreciar alguma coisa bela. O povo também tem um cuidado todo especial pelos jardins.

Rapazes e meninas frequentam a escola durante pelo menos nove anos. A caminho da escola, precisam ser muito cuidadosos com as carretas e bicicletas, pois muitas ruas são estreitas e não têm calçadas. As crianças levam os livros e lanche em pequenas caixas presas às costas, chamadas **obentos.**

Os jogos prediletos da criançada japonesa são o **kakurembro** (esconde-esconde), futebol e basebol que chama de **beisu-booru.** O basebol é conhecido como o passa-tempo nacional. Empinar papagaio (pipa) é apreciado pela família inteira, havendo uma data especialmente dedicada, a esse esporte, o dia 5 de maio, quando anualmente se realiza o Festival dos Rapazes. Cada família japonesa neste dia solta uma pipa em forma de peixe, presa a uma vara de bambu, além de haver muitas competições programadas. Às vêzes, aldeias inteiras competem entre si, para ver quem consegue confeccionar e empinar os maiores papagaios.

O dia especial das meninas no Japão é o Festival das Bonecas, realizado no terceiro dia do terceiro mês.

Para os rapazes e meninas santos do últimos dias, uma data toda especial é o dia em que completam oito anos de idade e podem ser batizados. A Igreja tem poucas capelas com pias batismais no Japão. Quando não dispõem de uma pia batismal, as crianças geralmente são batizadas em um **o-furo** (banho quente), os banhos públicos encontrados em hotéis, hospedarias e outros edifício públicos. E algumas vêzes é preciso batizar as crianças nas águas frias do oceano ou mares que cercam totalmente esse país ilhéu.





De um Amigo para Outro

Howard W. Hunter

Do Conselho dos Doze



As crianças pequenas são preciosas para nosso Pai Celestial. Ele as ama e cuida delas com o mesmo carinho, não importa onde vivam ou como se vestem ou parecem.

Ele ama os pequenos garotos escuros de cabelos encaracolados das Ilhas Fiji, e as gentis crianças de Samoa, Tonga e Taiti, que correm de pés descalços e roupas coloridas pelas terras cálidas dos mares do Sul. Ama as meninas e meninos ingleses que vão para a escola em uniformes iguais de calças curtas, camisas e gravatas, ou saias e suéteres. Ama as crianças do Japão, que usam roupas ocidentais e sempre tiram os sapatos, quando entram na capela. Ama os pequenos sul-americanos queimados de sol, e os lamanitas com seus enfeites de contas coloridas e suas antigas danças cerimoniais. Nosso Pai Celestial ama as crianças de toda parte.

Quero mostrar a vocês como todas as crianças são parecidas. É a noite de segunda-feira em Tonga, e na sua casa ou **fale,** como dizem lá, uma família tonganesa prepara-se para a reunião familiar. Eles usam o mesmo livro de lições como as outras famílias no resto do mundo. Os pais, como os de vocês, querem ajudar os filhos a entender o que é a consciência e como guia ela nossa vida. Eles adoram brincadeiras, cantar e depois comer



alguma coisa gostosa. Todas as crianças apreciam esta parte da reunião familiar.

Quando está na hora de ir para a cama, pais amorosos em todos os países ajoelham-se com os filhos para fazer a oração. Tanto pode ser junto a uma cama com altos e macios acolchoados de penas nas encostas dos Alpes, como ao lado de uma esteira no chão de uma cabana. Nosso Pai Celestial ouve e entende a todos eles.

As crianças da Igreja têm a oportunidade de frequentar a Primária e a Escola Dominical. Ali cantam os mesmos hinos e ouvem as mesmas lições no mundo inteiro. É uma experiência emocionante ouvir as crianças do Japão cantando em seu bonito e melodioso idioma "Sou Um Filho de Deus" ou "Vinde, Ó Santos".

Todos os anos, no mês de fevereiro, as crianças de toda a parte contribuem com um dinheirinho para o Hospital Infantil da Primária. Duas menininhas que conheço fizeram e venderam bolinhos, ganhando mais de sete cruzeiros para dar às crianças do hospital. Esforços iguais a este unem as crianças de todo o mundo numa boa causa.

Em todos os lugares da terra, as crianças pequenas têm o mesmo sentimento de excitação e susto, quando chega a hora de fazer o primeiro discursinho numa reunião da Igreja ou de apresentar outra coisa qualquer. Todas elas sentem a mesma satisfação e alegria, quando o programa acaba e os pais as cumprimentam orgulhosamente com um abraço, para mostrar que se saíram muito bem.

As crianças na Igreja são batizadas quando têm oito anos. Isto tanto pode acontecer em uma bonita e moderna pia batismal de uma linda capela nova, ou nas praias de um lago de água gelada, ou num pequeno rio ou lagoa. Mas sempre são batizadas por alguém que tenha o Santo Sacerdócio de Deus e sempre por imersão.

As crianças por esse mundo afora aprendem sobre as bênçãos de pagar o dízimo. Os bispos as amam muito e aceitam com muito gosto e gratidão seus centavos de dízimo, pois sabem das alegrias que isto lhes traz, e a boa vontade com que são dados. Os bispos sempre procuram arranjar os melhores professores para ensinar na Primária e na Escola Dominical.

Os professores e professoras amam as crianças exatamente como eu. E seja onde for que encontre esses pequeninos, vejo que são o mesmo tipo esperto, confiante e fiel de garotos e meninas que Jesus conhecia, quando disse: "Deixai vir a mim os meninos, e não os impeçais, porque dos tais é o reino de Deus."



Juca e o Escuro

Wilma J. Buitelaar

Todas as noites, por volta das sete horas, Juca sentia vontade de meter-se num buraquinho bem escondido onde ninguém pudesse achá-lo, porque nessa hora sua mãe dizia: "Vamos dormir!"

E Juca detestava ir para a cama. Não porque tinha que parar de brincar com o trenzinho e o jogo de armar. Nem porque devia vestir o pijama, escovar os dentes e dar um beijo de boa-noite no papai e mamãe.

Ele detestava a hora de dormir, porque tinha medo do escuro, das coisas que parecia ver pelo quarto depois do apagar da luz. Mas nunca contara à mãe ou ao pai que, assim que desligavam a luz, fechavam a porta e iam para a sala, aquelas coisas apareciam por ali — por toda a parte em volta dele.

Juca então fechava os olhos, mas não adiantava, porque sabia que as coisas continuavam ali. Por isso, abria os olhos e ficava olhando para elas.

As coisas pareciam bichos monstruosos, dragões, tigres ferozes ou birrões.

Os birrões o assustavam mais do que qualquer outra coisa do mundo, pois ele próprio os criara. Um birrão tinha três olhos, chifres enormes e pernas peludas como a aranha. Os birrões eram o pior de tudo!

Juca custava a pegar no sono. Ficava olhando fixo para as sombras negras à sua volta, esperando ansiosamente que não chegassem mais perto. Finalmente, acabava adormecendo, e de manhã, quando acordava, os monstros, dragões, tigres ferozes e os horríveis birrões de três olhos e finas pernas peludas haviam sumido.

Então um dia, Tio João veio visitar Juca.

Tio João era divertido à beça. Sempre tinha um presentinho para Juca, escondido num dos bolsos. Balas, ou um livrinho ou algum jogo ou brinquedo. Mas, desta vez, era uma coisa bem diferente, alguma coisa como um canudo liso e duro. Juca arrancou o papel.

— Uma lanterna de pilha! — gritou. — Muito obrigado, Tio João!

Juca experimentou a lanterna pela casa inteira — nos quadros e lâmpadas, nas plantas, no sofá e até mesmo no estampado das cortinas. Aquela lanterna era o presente mais legal que Tio João jamais lhe dera. Juca estava tão encantado com ela, que a levou para a cama na hora de dormir. Quando a mãe apagou as luzes, fechou a porta e foi para a sala, ele acendeu a lanterna e apontou o facho de luz para para todas aquelas coisas que costumavam estar ali no escuro, e sentiu-se muito corajoso.

AGORA!

Agora iria ver o que eram de verdade!

Mas não havia por ali nenhum bicho monstruoso, ou dragões ou tigres ferozes.

Nem mesmo birrões!

Quem continuava ali era somente seu velho e querido ursinho de pelúcia de uma só orelha. E Perereca, o palhaço; além do coelho azul de plástico e o cachorrinho malhado que tocava uma musiquinha engraçada, quando se dava corda nele.

Mas estes eram seus amigos! Juca foi obrigado a rir de si mesmo. Apagou a lanterna e continuou a olhar para as coisas no escuro, sem sentir o medo de antes. Aconchegou a cabeça no travesseiro e ficou sorrindo no escuro.

— Boa noite, durma bem! — disse a todos os seus amiguinhos, e imediatamente ferrou no sono.

JIRO E O TIME DE FUTEBOL

Bernadine Beatie

Ilustrado por Ted Nagata



O coração de Jiro estava triste, ao ver carros passando sem parar pela pequena **ryokan** (hospedaria) do avô, em direção ao novo e moderno **hoteru** (hotel) da colina. Levantou os olhos quando os avós chegaram e se postaram ao lado dele.

— Eles não vão parar, — disse o avô tristemente. — Nosso pequeno **ryokan** deixou de estar na moda.

— Não é isso. vovô, — disse Jiro. — É porque o time de futebol de Tóquio está hospedado no novo **hoteru.** Todos querem conhecer e conversar com os jogadores.

— Não se preocupe, meu marido, — a avó falou mansamente. — Nossos hóspedes habituais estarão de volta no verão. Nós nos arranjaremos.

Jiro notou a preocupação no olhar do avô. Eles precisavam fazer negócios agora, não no próximo verão. Precisavam pagar o salário dos

banto-sans (empregados) e do cozinheiro. Embora a hospedaria fosse pequena, Jiro tinha certeza de que, se alguns dos viajantes ali parassem uma vez, tornariam a voltar.

— Eles não servem **sukiyaki** ou **tempura** como o nosso lá no **hoteru** da colina! — gritou Jiro.

— Muito obrigado, meu neto, — comentou vovó. — Vá indo, Jiro; junte-se aos seus amigos. Eles não estão lá no campo vendo o time de Tóquio jogar aquele jogo estranho de correr atrás da bola?

Jiro foi obrigado a sorrir.

— É futebol, vovó. Algum dia a senhora entenderá. Algum dia serei o melhor jogador de todo o Japão. E a senhora ficará sentada com vovô na arquibancada, vendo-me jogar. Eu trarei para casa grandes sacos recheados de **yen,** e a senhora nunca mais terá que preocupar-se.

A avó deu um sorriso carinhoso ao neto.

— E eu vou torcer muito mais alto que todo o mundo. Agora vá, e divirta-se.

Havia um nó na garganta de Jiro, enquanto corria morro acima, em direção do campo de futebol. Gostaria de poder fazer alguma coisa para ajudar os avós. De repente, estacou. Se conseguisse persuadir alguns dos jogadores de futebol e cear no **ryokan** deles, isso atrairia os outros. Mas seria duro conseguir furar a turma de admiradores que sempre se apinhava em volta deles.

Toshio, seu amigo, esperava-o perto do campo de futebol.

— Depressa, Jiro, — gritou, os olhos brilhantes de excitação. — Arranjei um emprego para nós hoje — pegar as bolas.

O coração de Jiro disparou. Falar com os jogadores foi fácil, pois todo mundo do time era gentil. Mas eles apenas riram e sacudiram a cabeça, quando Jiro, inclinando-se polidamente, falou-lhes da boa comida servida no **ryokan** do avô.

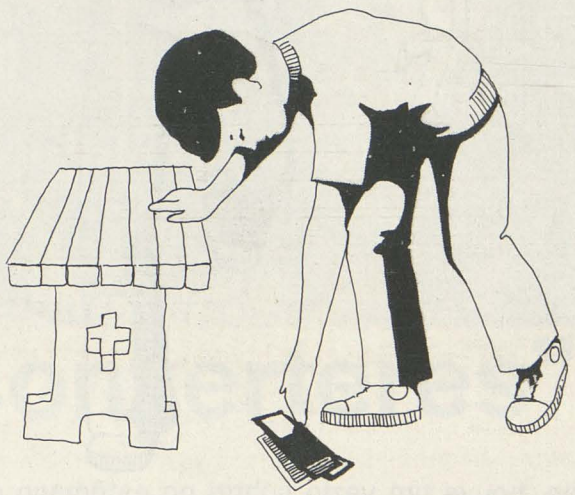
Apesar da tristeza, Jiro não demorou a interessar-se pelo treino. Algum dia, pensou, vou chutar como o **Metani-san!**

O jogo estava para terminar, quando uma bola voou sobre a cabeça. Jiro foi correndo apanhá-la e chutou-a firme e direta para Asa Yoshida, um dos atacantes.

— Bom lance, Jiro! — gritou Asa. — Talvez algum dia contratemos você.

— **Arigato** (muito obrigado) — sorriu Jiro, contente. — Eu vou ser jogador de futebol.

— Ótimo, — sorriu o jogador. — Vá pegar meu agasalho, por favor, sim? Eu o larguei lá no barracão, do outro lado do campo.



Jiro saiu correndo pelo campo, entrou no barracão e pegou a jaqueta. Então, viu uma carteira de couro no chão e apanhou-a. Seus olhos se arregalaram. A carteira estava estufada de dinheiro — muito mais dinheiro do que jamais havia visto — mais do que suficiente para pagar os **banto-sans** e o cozinheiro por longo tempo.

Jiro e o Time de Futebol

A mão de Jiro tremia ao meter ligeiro a carteira no bolso. Poderia dar um pouco todos os dias aos avós, dizendo que o ganhara levando recados e fazendo compras para os jogadores. Não desconfiariam — todo mundo sabia que eles ganhavam montes de dinheiro. Mas



então, houve um vazio súbito no estômago de Jiro. Não era como tirar dinheiro para si mesmo — não como se estivesse roubando alguém que precisasse dele.

Roubando! A palavra não lhe saía da cabeça. Não, não podia ser. Esse dinheiro iria cobri-lo de vergonha e trazer desonra para os avós. Tirou a carteira do bolso e atravessou o campo correndo, em direção a Asa Yoshida.

— Aqui está sua jaqueta, — disse. — E veja o que eu achei. — Continuou mostrando a carteira. Asa riu.

— Ela pertence a Metani. Que sujeito! Sempre perdendo alguma coisa. Leve-a para ele, mas correndo, pois já está indo embora.

Jiro disparou, gritando: — Metani-san! — para o lado da estrada, onde o jogador entrava num carro com outros jogadores.

Metani voltou-se ao ouvir os berros de Jiro.

— Ora, é o nosso amiguinho, cujo avô tem o melhor **ryokan** do Japão inteiro.

Jiro entregou-lhe a carteira, dizendo: — Encontrei isto lá no barracão.

— **Arigato,** amiguinho, — respondeu Metani, puxando algumas notas da carteira. — Toma, uma recompensa por tê-la devolvido tão depressa.

Jiro hesitou um momento. Toshio chegou e ficou atrás dele, cochichando: — Pegue-o. O menino sacudiu a cabeça.

— Não quero dinheiro, — respondeu, inclinando-se polidamente, como fora ensinado pela avó. — Mas se o senhor fizesse o favor de cear no humilde **ryokan** do meu avô, eu ficaria recompensado.

Metani riu gostosamente. Juntou as mãos e fez uma mesura. — Irei hoje à noite e levarei diversos amigos. Você pode providenciar tudo para nós?

— Certamente, Metani-san. Que dúvida! — gritou Jiro.

Asa Yoshida chegou junto deles, a tempo de ouvir o diálogo.

— Um dia este Jiro talvez venha a ser nosso rival, — comentou sorrindo. — Ele não lhe contou? Vai ser um jogador igual a você.

Metani sorriu.

— Ele tem pinta de jogador, — comentou. — Venha amanhã depois da escola, Jiro. Vou ensinar você e seu amigo depois do nosso treino.

— Nós viremos, Metani-san, nós viremos! — disse Jiro, inclinando-se profundamente. Foi tudo o que pôde fazer, para não gritar aos céus a sua alegria.



"Quando Te Converteres"

Presidente S. Dilworth Young
Do Primeiro Conselho dos Setenta

"**E tu, quando te converteres, confirma teus irmãos**". Assim falou o Senhor a Pedro, preparando a si próprio e aos apóstolos para o seu grande sacrifício. Tal declaração talvez deixasse Pedro admirado, e certamente o intrigou, pois respondeu: "Senhor, estou pronto a ir contigo até à prisão e à morte". Então o Senhor disse a Pedro que "não cantará hoje o galo antes que três vezes negues que me conheces". (Lucas 22:32-34).

Marcos registra que o veemente protesto de lealdade de Pedro foi repetido pelos apóstolos restantes, com estas palavras: "E da mesma maneira diziam todos também". (Marcos 14:31). Contudo, chegado o momento da acusação da serva quanto a Pedro ser um discípulo, ele negou conhecê-lo. Os outros dez igualmente, a despeito do que haviam declarado, não agiram como protestaram que fariam.

Pedro estivera unicamente a serviço do Senhor durante três anos. Havia visto, mas aparentemente não compreendera o que o Senhor queria dizer com "quando te converteres".

Mas, dali em diante, as coisas seriam diferentes. Haveria uma crucificação, um dos mais penosos métodos de execução jamais inventados pelo homem e que também atingia violentamente as emoções vitais de qualquer pessoa que testemunhasse tal morte. Haveria uma ressurreição

— a primeira a acontecer na terra — resultando num ressurgimento de júbilo e esperança. O Senhor iria partir, deixando sua obra nas mãos dos onze que haviam estado sempre com ele — homens que o haviam escutado durante três anos, nem sempre entendendo plenamente o que ele queria dizer, que o viram ser executado, haviam tocado com suas próprias mãos seu corpo ressurrecto, mas, mesmo assim, não saberiam o que é ser convertido até que fossem visitados pelo Espírito Santo, e este tocasse suas almas com o fogo vivificador.

Vemos o que significa ser convertido nos atos inspirados de Pedro no dia de Pentescostes, em contraposição às suas vacilantes negativas na noite do encarceramento do Senhor. O homem firme do dia de Pentecostes não era o mesmo que, medrosamente, protestara "não conheço esse homem". Aquele Paulo, que depois do batismo e do recebimento do Espírito Santo, destemidamente declarava a verdade a Agripa, era um homem totalmente diverso daquele outro que se dirigia a Damasco, à procura de cristãos para destruí-los.

Pedro acreditou e negou. Pedro foi convertido e tornou-se uma rocha contra a qual o poder de Satanás se mostrava impotente. Tornou-se decidido, destemido, impelido por uma força interior vigorosa e justa. Paulo perseguia por descrença, pensando estar servindo a Deus. Paulo foi convertido e tornou-se igual a Pedro.

A conversão proporciona força, determinação de defender e promover a obra do Senhor aqui na terra. Esta conversão se dá quando se recebe o batismo de fogo, o testemunho do Espírito Santo.

E agora, as chaves todas que Pedro já recebera antes, adquiriram o verdadeiro sentido para ele. Dali em diante, ele carregaria o fardo, toda a responsabilidade de levar avante a obra do Senhor a todo o mundo. Ele teria que dirigir o resto dos Doze e o trabalho do ministério, tanto entre os gentios como nos ramos organizados.



Todos os onze haviam recebido o Consolador — que até então ainda desconheciam — pelo qual deviam ensinar todas as coisas, pelo qual todas as coisas seriam reveladas, e sem o qual não deviam ensinar. (Vide D&C 42:14).

A ele cabia o encargo de ensinar o mundo! O que eles sabiam do mundo? Da sua extensão? Dos seus limites? Eles conheciam Roma, mas apenas por nome. Haviam ouvido falar de Atenas e Alexandria. Conheciam um pouco mais de Damasco e Tiro, de Éfeso e Sídon. Mas, certamente, os reinos da Índia, da China ou da Indonésia, a imensidão do continente africano ou mesmo da Europa não eram nem sequer imaginados. Sabiam da Etiópia por lendas, porém, de um modo geral, "o mundo" era conceito bastante nebuloso para eles.

Não obstante, foram adiante intrepidamente. O Espírito sussurrava, e cada um, com a recém-adquirida sintonia, sentia-se impelido a ir para algum lugar, fosse Atenas, Éfeso ou Roma. Dali, a inspiração os dirigia para outro local, e mais outro, até que devem ter percorrido a maior parte do mundo conhecido de sua época. Sabemos alguma coisa das viagens de Paulo, porque alguém escreveu sobre elas, e catorze de suas epístolas foram preservadas. Mas por onde os outros andaram, é em grande parte tradição.

Hoje as coisas são diferentes. Estamos nos últimos dias. Hoje conhecemos o campo de trabalho, a localização de cada país da terra. Sabemos como chegar a cada nação, o que esperar de seu clima e outras condições da natureza, e dispomos dos meios de ir a toda parte.



Os onze apóstolos testemunharam que viram o Senhor ascender aos céus; Joseph Smith testificou que viu o Senhor descer, e mais ainda, pois viu o Pai ao lado de seu Filho amado e exaltado.

Em anos passados, lemos da visita de um anjo a João em Patmos, hoje lemos de visitas de muitos anjos — de Morôni, de João Batista, de Pedro, Tiago e João, e de Moisés, Elaías e Elias — cada qual trazendo as suas chaves e passando-as a Joseph Smith.

Com nossos próprios olhos, vemos o **começo** do cumprimento de muitas profecias antigas e o cumprimento total de outras.

Sabemos como sair pelo mundo e ensinar. Sabemos como encontrar as pessoas e como cultivar seu interesse. Sabemos de que forma aplicar eficientes métodos de ensino. Tudo o que nos resta fazer agora é nos convertermos, a fim de nos levantarmos e prosseguir com o poder do nosso conhecimento e do Espírito. Sem dúvida, a admoestação do Senhor a Pedro, "e tu, quando te converteres, confirma os teus irmãos", está acontecendo atualmente. Assim como o Espírito Santo desceu sobre Pedro e seus companheiros no dia de Pentecostes, também nós recebemos liberalmente esse dom divino. Temos visto, mesmo já desde 1830, o poder do Espírito Santo guiando e fortalecendo nossos líderes e membros fiéis. O Evangelho tem sido divulgado através do ardoroso testemunho de infatigáveis missionários e membros, até que presentemente temos unidades organizadas da Igreja em mais de dois terços dos países do mundo, mas restam ainda incontáveis milhões que precisam ouvir a mensagem.

De 1830 a 1846, famílias inteiras engajavam-se na obra missionária, advertindo seus vizinhos, dedicando-se ao trabalho. O pai aproveitava cada minuto disponível, para sair a ensinar e pregar. Os filhos em casa também participavam, pois tinham que trabalhar arduamente, a fim de compensar a ausência paterna.

Depois de 1846, quando os santos se transferiram para os vales montanhosos de Utah, as famílias em si não se envolviam mais tanto. Embora às vezes os pais ainda saíssem em missão, geralmente eram os filhos que partiam, até que, no século vinte, estes arcaram com todo o trabalho de viajar. Durante esse tempo, as famílias começaram a sentir que a sua parte era sustentar um missionário, em lugar de sair para ensinar ou fazer proselitismo e amigos.

Agora, com o estabelecimento da correlação, voltamos à premissa original, envolvendo todos os familiares. Pai, mãe e filhos unem-se no nobre e grande empenho de encontrar pessoas que possam ser persuadidas a ouvir a mensagem. É por meio desse esforço, virá o fortalecimento pelo qual Pedro foi admoestado a realizar. Ao sair em busca de pessoas a quem pregar, eles próprios serão fortalecidos e daí, por sua vez, converterão e fortalecerão outros irmãos, até que chegue o radioso dia em que todos os homens verão a glória do Filho de Deus e testemunharão o cumprimento da sua palavra de que o Evangelho rolará adiante até encher toda a terra. (Vide D&C 65:2).

Os setentas são chamados por revelação para fazerem esse trabalho da Igreja, e seus detalhes são determinados por designação, a fim de que haja ordem. Em toda ala, o líder da missão dos setentas deve planejar o trabalho e supervisioná-lo sob a direção do bispo. Os mestres familiares carregam a responsabilidade muito importante de persuadir cada família SUD a fazer amizade com seus vizinhos não-membros e persuadi-los a receber os missionários. Os métodos são muitos, mas o Evangelho destina-se a salvar a alma dos homens. Convertei-vos, meus irmãos, e atuai. Vós possuis o espírito; aplicai-o.

Olho para a Primeira Presidência e os Doze que nos dirigem. No seu desempenho vejo o resultado de sua conversão, e vos testifico que ocupam seus lugares como o fazia Pedro, cheio do Espírito Santo e por ele inspirados. Eles são os líderes designados pelo Senhor no dia de hoje. Sigamos suas diretrizes, e por meio de nossa própria conversão, fortaleçamos nossos irmãos.

Sei também que Jesus Cristo, o Senhor, lidera esta obra dos últimos dias e que ele vive. Este é o seu Evangelho restaurado, do que presto testemunho em nome de Jesus Cristo. Amém.

Seguem-se excertos de discursos proferidos na conferência geral regional da Igreja, realizada em Manchester, Inglaterra:

CONFERÊNCIA EM MANCHESTER

Tenho ouvido jovens insensatos, rapazes e moças, dizerem: "Ora, o que há de errado em satisfazer nossos apetites, contanto que não magoemos outra pessoa?" Outros sentem dúvidas quanto à pornografia, não sabendo como distinguir entre arte e obscenidade. Bem, o Senhor ensinou-nos algumas verdades pelas quais devemos medir o certo e o errado. Disse o grande Profeta Morôni: "...dado vos foi julgar, a fim de que possais distinguir o que é bom do que é mau; e a maneira de julgar, para que tenhais um conhecimento perfeito, é tão clara como a luz do dia comparada com as trevas da noite.

"Porque eis que o Espírito de Cristo é concedido a todos os homens, para que eles possam conhecer o que é bom e o que é mau; portanto, eu vos estou ensinando o modo de julgar; porque tudo o que incita à prática do bem e persuade a crer em Cristo é enviado pelo poder e dom de Cristo; por conseguinte, podeis perfeitamente saber que é de Deus". (Morôni: 7:15-16).

Ora, isto se aplica tanto à vida secular como aos assuntos religiosos. Qualquer coisa que tende a vos afastar do conhecimento de Deus e de seu Filho Jesus Cristo procede do maligno. Mas, se for verdade, vos induzirá a aceitar o Salvador. Não pode haver coisa mais simples do que isso.

Presidente Harold B. Lee
Primeiro Conselheiro da Primeira Presidência.

O dízimo e as ofertas de jejum constituem a lei financeira do reino de Deus. O Presidente Joseph F. Smith afirmou: "A lealdade do povo da Igreja será provada por este princípio. Por este princípio, será conhecido quem é a favor do reino de Deus e quem é contra. Por este princípio, será demonstrado quem se dispõe a cumprir a vontade de Deus".

Victor L. Brown
Conselheiro do Bispado Presidente.

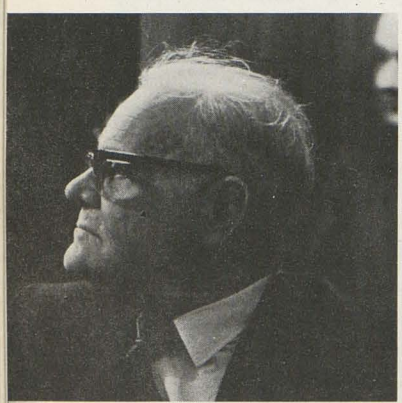
Espero, queridos amigos, que não patrocinemos o mal. Sinto uma aversão, ou reversão, quando ouço a frase "entretenimento adulto". Poderá alguma coisa baixa, imoral, crua e iníqua, que não serve para crianças, ser conveniente aos adultos? Oh, deixemos de contribuir para tornar o mal lucrativo pelos livros que compramos, as revistas que lemos, os lugares de entretenimento que frequentamos, ou outra coisa qualquer.

Richard L. Evans
Do Conselho dos Doze.

Há dois marcantes e breves sermões em duas frases extremamente suscintas do Livro de Mórmon, a primeira de sete palavras, e a segunda de cinco: "Os homens existem, para que tenham alegria". "A iniquidade nunca foi felicidade". Não conheço como fazer dois sermões com menos palavras.

Richard L. Evans
Do Conselho dos Doze.

Não sei quanto valor daríeis a uma alma, mas eu tive uma experiência vicária em Boston. O último inverno foi bastante duro. Lá pelos fins de fevereiro, o gelo






de alguns rios e lagos começou a se romper. Sem ser notado e certamente sem merecer noticiário, um pequeno cão vira-lata foi perambular sobre o gelo do porto de Boston, como os cachorros costumam fazer por curiosidade, suponho eu. E enquanto o animal se achava a umas centenas de metros da praia, o gelo começou a romper, ilhando o cãozinho. Antes de notar, ele estava desamparado e o pedaço de gelo se movia. Um passante interessado, na **Old Mystic,** vendo o apuro do cachorro, chamou o corpo de bombeiros. Estes acorreram com diversas escadas extensivas e outros equipamentos; e antes de terminar a história, ali estavam reunidos o departamento de polícia, o pessoal da prefeitura e diversos membros do conselho municipal; parecia que toda a cidade de Boston viera em socorro do pequeno cão. Certo jornalista, no fim do dia, calculou as despesas — a salvação do cachorrinho custara à cidade de Boston 18 000 dólares.

Tenho refletido sobre isto em relação ao ser humano. Que preço daríeis a um filho espiritual de Deus? Naturalmente, é inestimável!

Presidente Paul H. Dunn
Do Primeiro Conselho dos Setenta.

É importante que todos nós nos engajemos na procura de famílias para serem ensinadas. É isto que nossos líderes querem dizer, quando insistem em repetir a frase: "Cada membro um missionário".

Presidente Loren C. Dunn
Do Primeiro Conselho dos Setenta.

Num país como este e em todos os demais que conheço, vós estais em implacável minoria, por causa de vossa opinião peculiar; e uma caminhada pelas ruas de Manchester, Londres, Nova York, Buenos Aires e outras cidades poderia desencorajar-vos extremamente, se não tiverdes noção de que a obra de Deus sempre foi realizada por uns poucos que, indiscutivelmente, atraíram durante todo o seu caminho os olhares condescendentes ou reprovadores, os risos de mofa e os comentários "sábios" dos demais.

Marion D. Hanks
Assistente dos Doze.

Embora sempre o cresse, acredito cada vez mais no poder do Espírito para guiar-nos em nossas necessidades pessoais, se formos sensíveis e receptivos.

Marion D. Hanks
Assistente dos Doze.

Como tema, escolhi um versículo de Doutrina e Convênios:

"Aquele que recebe a minha lei e a pratica, é meu discípulo; e aquele que diz que a recebe e não pratica, esse não é meu discípulo, e será expulso do vosso meio". (D&C 41:5).

O convite de Cristo para tornar-se seu discípulo é universal, extensivo a toda pessoa. Seu chamado e promessa é: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei". (Mat. 11:28).

Jesus não estipulou um preço para este convite. Naturalmente, isto não significa que nada custa. Existe um preço, um preço muito real, o preço da execução.

Marion G. Romney
Do Conselho dos Doze.

Todo membro é um líder em potencial. Hoje pode ser um liderado, amanhã um líder. Esta é realmente uma igreja de oportunidades. Cada chamado fornece uma oportunidade de servir. Muitas vezes, quando recebemos um chamado, perguntamos a nós mesmos: "Por que fui eu o escolhido? Existem outros na ala ou ramo mais qualificados do que eu". Porém, não devemos esquecer que o Senhor conhece muito melhor nossa capacidade e potencial. Por isso, muitas vezes somos chamados não pelo que somos, mas pelo que poderemos vir a ser.

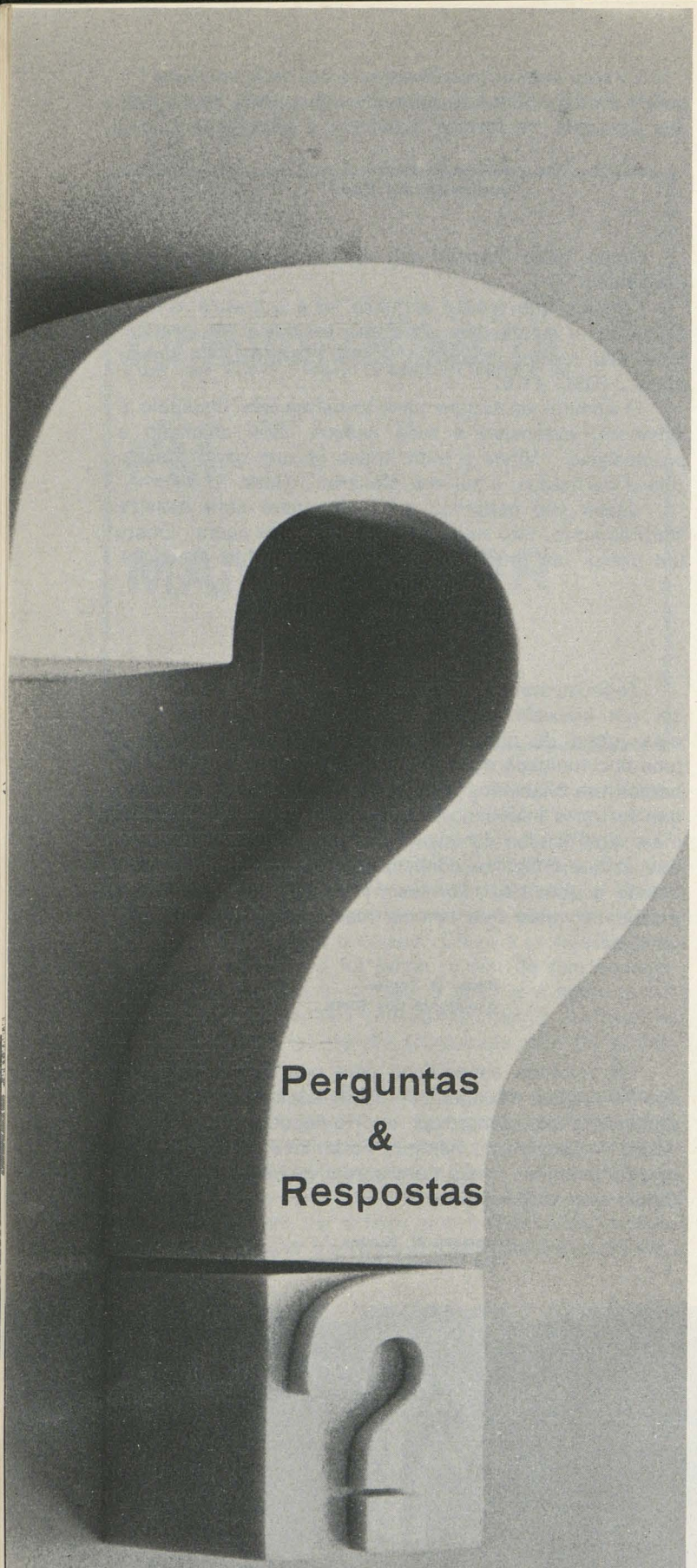
Henry D. Taylor
Assistente dos Doze.

Os talentos específicos com que fomos aquinhoados — nossa inteligência, habilidades físicas, tempo, dinheiro e as numerosas oportunidades que nos são dadas — provêm do Senhor. Foram-nos confiados, para que os usemos — não para serem guardados ou escondidos, mas empregados.

Howard W. Hunter
Do Conselho dos Doze.







As respostas aqui publicadas destinam-se a proporcionar orientação e esclarecimento não devendo ser encaradas como pronunciamentos doutrinários da Igreja.

"Como posso fazer meus pais entenderem que tenho opinião diferente das suas sobre algumas coisas?"

Falando de um modo geral, pais e filhos sempre tiveram, e provavelmente continuarão a ter pontos de vista diferentes sobre certas questões. Mas, por favor, lembrem-se de que seus pais sabem disso. Não é preciso dizer-lhes. Quando surgem diferenças importantes de opinião, a pergunta que devemos fazer é: Qual o melhor modo de resolver essas poucas divergências para o bem de todos os interessados?

Surgem algumas vezes diferenças de opinião, porque os pais conseguem ver os trechos escorregadios, pedregosos e duvidosos do caminho, que talvez você não perceba. Deixa-me profundamente impressionado observar como cada geração, quando chega à idade adulta, expressa grande reconhecimento pelos sábios conselhos e orientação de seus pais — essa mesma orientação que poucos anos antes parecia tão restritiva.

Ocasionalmente, quando surgir uma divergência séria de opinião, pais e jovens poderiam perguntar a si próprios: O que é certo do ponto de vista do Senhor? Pode ser proveitoso familiarizarem-se os jovens com a advertência feita pelo Senhor aos pais, em Doutrina e Convênios 68:28: "E eles também ensinarão as suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor". Este é um mandamento aos pais, ou "sobre a cabeça dos pais seja o pecado". Se as divergências dos jovens se prendem ao afastamento dos ensinamentos e práticas do Evangelho, os pais conscienciosos sentir-se-ão obrigados a admoestar os filhos. O problema então deixa de ser uma divergência com seus pais terrenos, tornando-se um desacordo com o Pai Celestial e com Jesus Cristo.

Eis alguns meios de resolver diferenças de opinião na família, de forma positiva e feliz:

1. Com o desejo de conhecer a vontade do Senhor,

ore sinceramente, pedindo que o Espírito Santo o ajude a encontrar uma solução adequada.

2. Participe de todo o coração das reuniões familiares em sua casa, nas quais todos tenham oportunidade de expressar o que sentem, numa atmosfera construtiva.

3. Se outros tipos de divergência aconselharem discussão em outras horas, aborde o assunto quando a família estiver num período de paz, boa-vontade e contentamento.

4. Certifique-se de que suas queixas são mais que ninharias — questões de importância apenas temporária. Não destrua o amor recíproco por questões que, provavelmente, não tenham qualquer importância para você daqui a dez anos.

5. Nunca levante a voz ao discutir alguma questão, nem espere até estar aborrecido e irritado.

6. Escute o que os pais têm a dizer. Deixe que acabem de falar, depois peça que deixem você falar até o fim. Mas, lembre-se, às vezes pais e filhos falam demais sobre seus problemas. O silêncio, bem empregado, é ouro.

7. Permita que seus pais ponderem seu ponto de vista. Você não deveria fazê-los tomar decisões apressadas, irrefletidas.

8. Quando tudo o mais falhar, seja paciente. Lembre-se destas preciosas palavras: "Isto também há de passar". Se você realmente acha que deve rejeitar seus conselhos, pese e examine bem suas próprias conclusões. Sempre achei proveitoso tomar as razões que julgo boas do meu ponto de vista, e examiná-las para ver se resistem a um exame mais minucioso. E, às vezes, elas não o conseguem. Você, provavelmente, descobrirá a mesma coisa, quando examinar as suas razões.



Mais uma coisa. Minha resposta até aqui diz respeito às **diferenças** que existem. Sempre é fácil ver e sentir algumas delas. Mas não esqueça tudo aquilo em que você **concorda** com seus pais — o Evangelho, o amor de um pelo outro, muitas experiências felizes, inúmeros momentos especiais que compartilharam, muitas memórias, muitos sacrifícios, crenças e ideais comuns em vários assuntos. Se você somar tudo isso, ficará admirado em quantos pontos você e seus pais concordam. Seria tão tolo irritar-se desmedidamente por causa de uma divergência, que talvez represente um por cento de seus contatos com seus pais, especialmente quando concordam nos noventa e nove restantes. É realmente triste que certos jovens tenham agido assim, destruindo seu relacionamento com aqueles que, na verdade, são seus melhores amigos, particularmente numa época em que é tão difícil encontrar amigos verdadeiros, honestos e eternamente sinceros.

Ernest L. Eberhard Jr.
Superintendente do Departamento do Sacerdócio Aarônico.
Escritórios do Bispado Presidente.

"Deve a moça namorar rapazes que não sejam membros da Igreja, se pertence a um ramo ou ala pequenos, em que há poucos rapazes santos dos últimos dias?"

Namorar significa aceitação entre seus iguais, e ajuda a gente a ganhar não somente amigos mas também confiança. Por experiência própria com minhas filhas, que viviam numa região em que não havia muitos rapazes SUD, compreendo os sentimentos e motivos que provocaram esta pergunta.

Nesse assunto, o padrão de conduta e as metas de longo alcance de cada moça são de primordial importância! Poder casar-se no templo de nosso Senhor é uma das mais altas aspirações das moças SUD, e assim, a questão do namoro, em última instância, gira em torno de como conseguir realizar esse sonho.



Em qualquer relacionamento, é preciso dar e receber. Os padrões adotados pela moça serão respeitados pelo rapaz e influenciarão sua maneira de pensar e conduzir-se. Como seguidores de Cristo, devemos viver no mundo sem ser do mundo, e é muito importante que as pessoas com quem convivemos estejam cientes de nossa conduta e princípios.

Irmã Lenore Romney da
Ala Chevy (Maryland).

"Existe algo de errado em os rapazes usarem cabelos compridos"?

O julgamento de certo ou errado é muitas vezes imposto a coisas que, na verdade, não são questões morais. O comprimento do cabelo, a forma do sapato, o modelo de uma roupa não são questões morais no sentido de bem ou mal aos olhos do Senhor. Contudo, podem ser indicações das atitudes e conceitos próprios de quem os usa.

Desde tempos imemoráveis, a juventude tem adotado seus próprios estilos, às vezes extremamente diversos, outras nem tanto assim dos usados pela geração adulta. Certa época, foram as calças de brim grosso, cabelos à escovinha, sapatos de ponta fina para os homens e saias longas para as mulheres. Todos nós somos apanhados na constante ciranda da moda de roupas, casas, carros e milhares de outras coisas. Hoje em dia, muitos jovens gostam de usar cabelos mais longos e cheios. Até mesmo certos adultos aderiram a esse corte de cabelo.

Nos últimos anos, porém, os cabelos compridos são associados aos manifestantes revolucionários, frequentemente arruaceiros, e ao pessoal afeito aos tóxicos, tão alardeados na televisão e imprensa. Em vista disso, outros jovens apegam-se a esses símbolos de não conformismo e adaptam-nos às suas vidas, numa tentativa de mostrar que são diferentes. Os adultos então encaram-nos como elementos subversivos. Outros, que se marginalizaram, podem também pensar que tais jovens são parte do que eles representam e presumem que são simpatizantes prontos a se envolverem nessas dimensões fanáticas ou experiências com tóxicos.



É fácil de ver que o problema reside nessa associação de aparência. A preocupação dos pais prende-se à suspeita de que os filhos podem associar-se a essa estranha "cultura". É este o motivo de sua ansiedade.

Como santos dos últimos dias, tanto os filhos como os pais representam aquilo que é "virtuoso e louvável". Para os pais, os cabelos compridos representam os aspectos negativos da juventude, em lugar dos positivos.

Os excessos em quase qualquer aspecto da conduta humana geralmente indicam certa insegurança. É natural que seria bom se os adultos compreendessem que isto pode ser uma parte do crescimento para a maturidade, parte do desejo da gente de descobrir um sistema de valores funcional para si próprio. Contudo, como santos dos últimos dias, recebemos o Evangelho de Jesus Cristo, e este abarca um sistema de valores que nos pode proporcionar a verdadeira felicidade aqui e para sempre. Todos nós temos que nos manter em contato com este sistema de valores do Evangelho, a fim de nos tornarmos verdadeiramente a "luz do mundo" para os que nos rodeiam, e não o "sal que se tornou insípido".

Se todos nós refletirmos sobre o papel do Evangelho e o que ele significa para nós e outros, essas questões como cortes diferentes de cabelo se reduzirão às suas devidas proporções, tanto para adultos como jovens; não é preciso haver brechas de desentendimento para os que vivem dentro do círculo do Evangelho. E todos serão capazes de escolher o tipo de moda que retrate a espécie de pessoa que querem ser.

C. LaVar Rockwood
Diretor da Divisão de Drogas
Departamento Estadual de Serviços Sociais de Utah.

"Por que é tão importante a genealogia?"



A genealogia em si tem importância para os santos dos últimos dias somente como instrumento para executar algo de muito maior importância. Cremos ser, literalmente, filhos espirituais de nosso Pai nos céus, e que o relacionamento familiar eterno pode existir e realmente existe. Cremos que as famílias podem ser ligadas, não apenas para esta vida como por todas as eternidades.

Coletamos os registros das gerações passadas da nossa família tão longe quanto conseguimos traçá-las, para comprovar esse relacionamento familiar. Isto é a genealogia. Depois, vamos a um dos templos e ligamos ou selamos esses indivíduos num relacionamento fami-

liar eterno, por meio das ordenanças salvadoras que o Sacerdócio de Deus prescreve.

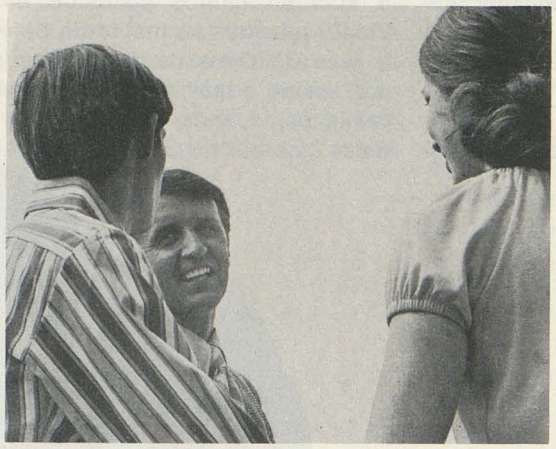
O propósito exclusivo do trabalho genealógico e dos templos é perpetuar a vida da família por toda a eternidade, e reunir todos os seus componentes como seres ressurretos glorificados na presença de nosso Pai Celestial, e quem amamos, honramos e reverenciamos.

Por isso, a genealogia como excelente instrumento de pesquisa é importante como um meio de realizar o objetivo muito maior de ligar ou selar todos aqueles que desejam, e estão qualificados em uma única e grande família de Deus, o Pai Eterno, através de Jesus Cristo, seu Filho Unigênito. É por isto que a genealogia é tão importante.

Theodore M. Burton
Assistente do Conselho dos Doze.

"Não me sinto 'afinado' com religião. Assim, o que tem, se eu aprecio filmes adultos e romances de padrões morais contemporâneos?"

Suspeito que muitos de nós acham difícil sentir-se totalmente "afinados" com a religião durante todo o tempo. A verdadeira religiosidade exige o melhor que



há em nós, e um empenho total nem sempre é fácil de dar. É uma qualidade muito humana que nos leva a desanimar, quando as exigências da vida religiosa começam a **parecer** excessivas. Alguns talvez se ressintam do tempo que a religião reclama deles; para outros, o problema pode surgir em forma de conflitos de personalidade com alguém na Igreja; outros ainda talvez achem a fascinação do fruto proibido quase que irresistível. Durante essas ocasiões em que a gente se sente "desafinado", pode tornar-se muito difícil opor-se a tais ressentimentos ou fascinações sem ajuda alheia. No entanto, essa ajuda nos é oferecida pelo Salvador que, conhecendo perfeitamente nossos problemas e também nosso desejo de ter o melhor na vida, é provavelmente o único ser qualificado para realmente nos ajudar.

Consideremos, por exemplo, um dos mais importantes ensinamentos de Jesus, referente ao problema que você sugeriu. Falo do seu ensinamento a respeito do poder e da importância dos pensamentos, visto que, em última análise, eles determinam nossas ações. Jesus repetidamente salientou a necessidade de se ter bons pensamentos e motivos adequados, se a gente quer estar em paz consigo mesma. Qualquer atividade que crie pensamentos impróprios, encerra o potencial de destruir nossa felicidade.

Talvez seja nesse contexto que devemos dar cuidadosa consideração ao tipo de recreações que buscamos, reconhecendo sua influência potencial sobre o pensamento. Se desejarmos ser plenamente felizes, temos que encarar honestamente o problema criado pelos padrões contemporâneos dos meios de entretenimento e arte. Muitos dos padrões empregados na criação de filmes e romances contemporâneos, por exemplo, são claramente antagônicos aos principais preceitos do Evangelho, e expor-se a eles pode provocar em grande parte essa falta de "afinação" religiosa sentida por certas pessoas. Elas, então, vêem-se divididas e vacilantes, ansiando pela vida boa, mas também relutantes em pôr de lado as coisas diretamente contrárias a ela, encontrando-se em situação semelhante à de Agostinho,[1] que orava: "Senhor, dá-me castidade... mas não agora. Pois temi que tu me atenderias logo, e logo me curasse do mal da concupiscência que eu desejava ver satisfeita, em lugar de extinta". **(Confissões de Sto. Agostinho,** Livro VIII). Perdem a paz interior e descobrem que, para reavê-la, serão obrigados a escolher entre as duas coisas.

Como então, em tempos como os atuais, a gente pode encontrar forças para privar-se daquilo de que parece gostar tanto? Uma solução parcial para o nosso problema, a meu ver, encontra-se em outro ensinamento de Jesus — a importante verdade que podemos expulsar os maus pensamentos com pensamentos melhores. Suponho, por exemplo, que todo aquele que aprecia filmes e romances de padrões morais contemporâneos, também gostaria de um filme ou livro de melhor qualidade, e ambos podem ser encontrados, se estivermos dispostos a procurá-los. Por conseguinte, por que não nos decidirmos em prol do que há de melhor em nós, e procurar formas mais elevadas de entretenimento e instrução, elevando com isso nossos pensamentos e mesmo nossa vida, fazendo com que as horas de recreação se tornem literalmente momentos de recriação? Como observou Marco Antônio há muitos séculos atrás: "A felicidade da tua vida depende da qualidade do teu pensamento". O Mestre acrescentou em nossa própria época: "Que a virtude adorne os teus pensamentos **incessantemente".** (D&C 121:45. Grifo nosso). Em última análise, este parece ser o único meio de sentir-se realmente "afinado" com a religião.

Arthur R. Basset
Instrutor do Instituto de Religião
Universidade de Utah.

1. **Agostinho (354-430) — Bispo, doutor da igreja, teólogo e filósofo cristão, nascido na Algéria.**

O Reino de Deus

Teodore M. Burton

Assistente do Conselho dos Doze

Uma das histórias mais interessantes do Velho Testamento é a da interpretação de Daniel do sonho de Nabucodonosor, no qual este viu uma enorme estatua de grande esplendor e aparência terrível. Não obstante, uma pedra que rolou do monte fragmentou o ídolo em milhares de pedaços. Esse sonho perturbou o monarca de tal maneira, que procurou alguém para interpretá-lo.

Na interpretação do sonho, Daniel, o profeta, disse que, no futuro, Deus estabeleceria um reino que nunca mais seria destruído e que eventualmente absorveria os demais e duraria para sempre. Em seguida, as Escrituras registram suas palavras:

"Da maneira como viste que do monte foi cortada uma pedra, sem mãos, e ela esmiuçou o ferro, o cobre, o barro, a prata e o ouro, o Deus grande fez saber ao rei o que há de ser depois disto; e certo é o sonho, e fiel a sua interpretação". (Daniel 2:45).

Grande parte dos autores religiosos, e certamente todos os cristãos, afirmam corretamente que esse reino que estava para vir é o de Jesus Cristo. Contudo, surge uma séria questão — quando esse reino seria estabelecido. A maioria dos cristãos presume que o dito sonho se referia ao reino eclesiástico, iniciado com o ministério terreno de Jesus Cristo, esquecendo-se de que o cristianismo como foi praticado através dos séculos, favorecia reinos, em lugar de substituí-los. As pessoas também se esqueceram de que Jesus Cristo, pessoalmente, falou da apostasia que haveria de vir. Referindo-se aos últimos dias, Jesus advertiu:

"Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos".

Ele predisse a morte de seus apóstolos, que agora sabemos aconteceu realmente. Antes da morte deles, Paulo advertiu os santos de seu tempo:

"Que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o dia de Cristo estivesse já perto.

"Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia... (II Tess. 2:2-3).

O cumprimento literal das predições das Escrituras de uma apostasia universal fica tão óbvio, pelo estudo razoável da história eclesiástica, que não há como errar. Todavia, a interpretação profética do sonho de Nabucodonosor feita por Daniel, ainda precisa ser cumprida. A única questão que resta é: Quando?

Existe uma declaração profética de Isaías relacionada às anteriores, que gostaria de citar neste momento:

"E acontecerá nos últimos dias que se firmará o monte da casa do Senhor no cume dos montes e se exalçará por cima dos outeiros: e concorrerão a ele todas as nações.

"E virão muitos povos, e dirão: Vinde, subamos ao monte do Senhor, à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine o que concerne aos seus caminhos, e andemos nas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e



de Jerusalém a palavra do Senhor". (Isaías 2:2-3).

Foi revelado nestes últimos dias que o reino de Jesus Cristo já foi novamente restaurado ao homem:

"As chaves do reino de Deus são entregues aos homens na terra, e como a pedra que, sendo cortada da montanha, sem mãos, rolará adiante até que encha toda a terra, assim também até aos confins da terra rolará de agora em diante o Evangelho". (D&C 65:2).

Quando os primeiros missionários desta Igreja foram ao Canadá, pregaram este Evangelho restaurado de Jesus Cristo. Anunciaram magníficas e gloriosas boas novas de grande júbilo, quando explicaram como Deus havia mais uma vez falado dos céus. A pedra do Evangelho não foi cortada da montanha pela mão de um homem, mas foi rolada por Deus em pessoa, quando, mostrando-se a Joseph Smith, apontou para o seu Filho e disse: **"Este é o meu Filho Amado. Ouve-o"!** (Joseph Smith 2:17).



Foi Jesus Cristo, o Filho, quem restituiu ao homem, por intermédio da pessoa de Joseph Smith, uma divina mensagem de renovada verdade e esperança. O Evangelho de Jesus Cristo veio do "monte" que é apenas outro termo para indicar o reino de Jesus Cristo. Este reino restaurado de Jesus Cristo foi revelado numa época em que os outros reinos da terra estavam sendo rapidamente eliminados. Restam somente uns poucos, e estes são principalmente monarquias constitucionais. Logo virá o dia em que o único sobrevivente será o reino eclesiástico de Jesus Cristo, que deverá substituir todos os outros reinados sobre a face da terra.

Quando os missionários proclamaram essa mensagem no Canadá, ela foi ouvida por meu bisavô Samuel Burton Jr. Por soar-lhe familiar, ele a aceitou com toda a família como uma verdade evangélica. Depois de se tornarem membros da Igreja, eles partiram para junto dos outros santos em Nauvoo. Antes de lá chegarem, porém, Joseph e Hyrum Smith foram chacinados, por isso a família se desviou mais para o oeste, a fim de juntar-se à Igreja em **Winter Quarters.** Sua amada esposa, Hannah Shipley Burton, não resistindo às privações da jornada, faleceu nas planícies, junto às margens do rio Missouri. Aquele homem arrasado pela dor, certamente se queixou amargamente como muitos outros que passaram por reveses e sofrimentos, enquanto eram provados pelo Senhor. Se entedêssemos melhor seus desígnios, seríamos mais pacientes na adversidade, sem nos queixarmos tanto como muitas vezes fazemos, quando sobrevêm provações e sacrifícios.

Entretanto, Joseph Smith entendeu melhor os planos de Deus do que seus contemporâneos. Antes de sua morte, profetizou que os santos seriam impelidos para as Montanhas Rochosas, onde se tornariam um povo grande e poderoso. Diante de uma profecia dessas, parece incrível que os santos e alguns de seus líderes tentassem ir para outro lugar. Recentemente, estive na Ilha Vancouver, ao largo da costa oeste do Canadá, achando-a um dos mais gostosos lugares da terra. É fácil entender por que as pessoas se agradam daquela bela região de clima ameno. Nos primórdios da Igreja, quando os santos buscavam novo local para viver, requereram ao governo britânico permissão para se fixarem na Ilha Vancouver. Muitos sentiram-se amargamente desapontados, quando sua petição foi negada.

Posteriormente, outros membros chegaram mesmo a deixar a Igreja, quando Brigham Young se recusou a levar os santos em migração para a linda e próspera Califórnia. Por que deviam estabelecer-se numa terra inculta e árida, nos altos das Montanhas Rochosas? Porque somente ali as profecias de Isaías poderiam ser cumpridas literalmente.

Lembrai-vos de que o monte ou reino do Senhor tinha que ser estabelecido no cume dos montes, exal-

O Reino de Deus

çando-se acima dos outeiros. Ali os santos deviam buscar instrução e vigor, e dali, o Evangelho ou pedra de Jesus Cristo iria rolar adiante até encher toda a terra. Essa profecia tem sido e ainda está sendo cumprida conforme milhares de missionários partem daquele local de concentração, a fim de proclamarem a divina mensagem de que Deus vive e voltou a falar dos céus. Onde mais podeis encontrar um cumprimento tão literal dessas duas profecias divinas?

O Evangelho de Jesus Cristo é encontrado na Bíblia que tem sua origem em Jerusalém; assim também a palavra do Senhor como consta na Bíblia veio da mesma cidade. O Livro de Mórmon, segunda testemunha divina de Jesus Cristo, também se originou em Jerusalém. Sem dúvida, a palavra do Senhor partiu dessa cidade. Por outro lado, a lei contida em Doutrina e Convênios, que é igualmente revelada através de profetas vivos para o governo do reino de Jesus Cristo, vem de Sião, que se encontra aqui no continente americano.

Entretanto, resta mais uma parte dessa profecia a ser considerada, e esta concerne à casa do Deus de Jacó. A casa de Jacó são os filhos de Israel, mas o que seria a casa do **Deus** de Jacó? Ora, a casa do Deus de Jacó são os templos erigidos nas montanhas, nos cumes dos montes eternos. Ali se reuniram os povos do mundo e ali aprenderam os caminhos de Deus na casa do Deus de Jacó. Agora que o povo recebeu a força e vigor dados nesses templos, saíram de seu baluarte montanhoso a fim de levar a mensagem do Evangelho ao mundo inteiro. À medida que a mesma força foi estabelecida em outros lugares, construíram-se templos também ali, e algum dia serão encontrados em todos os cantos do mundo. Nesses templos, são revelados mais conhecimentos e caminhos de Deus. Na casa do Deus de Jacó, os filhos de Deus ganham a necessária força espiritual para viver melhor do que se não a tivessem recebido.

Ao entendermos este conceito da ida à casa do Deus de Jacó para conseguir forças, compreendemos quão importante é passar frequentemente pelo templo. Se os portadores do Sacerdócio rejeitarem a oportunidade de regularmente passar pelo templo, estarão rejeitando o próprio Deus que os criou e com quem fizeram o convênio de sempre se lembrarem dele e trilharem o seu caminho. Os convênios que celebramos no templo de Deus são tão importantes, que, se os violarmos irá perigar nossa salvação eterna. Por isso, os membros da Igreja que possuem o Sacerdócio deveriam passar pelo templo tantas vezes quanto lhes for possível, seja individualmente, com os quoruns do Sacerdócio ou com sua esposa, a fim de fortalecer o espírito e revivificar a alma. Somente pelo comparecimento regular ao templo, conseguiremos recordar a importância dos compromissos assumidos de servir ao Senhor de todo o coração, poder, mente e força.

Incentivo todos os santos dos últimos dias a se lembrarem dessas duas grandes profecias. Elas têm um enorme significado para cada um de nós. Deveis qualificar-vos através de vida reta, tão rapidamente quanto puderdes, a entrar no templo, para com a frequência possível, ali adorar e servir o verdadeiro Deus vivente. É para o vosso próprio bem e felicidade que vos suplico que pratiquem as promessas e convênios que fazeis com o Senhor nesses templos. Pois como nos advertiu o Senhor: "Pois, se desejais que eu vos dê um lugar no mundo celestial, devereis preparar-vos, fazendo as coisas que eu mandei e que exigi de vós". (D&C 78:7). Se desejamos receber as bênçãos celestiais, precisamos cumprir a lei celestial.

Aqueles que ainda não são membros da Igreja, suplico que examineis vosso próprio coração. Então, reconhecereis que aquilo que eu disse acerca das duas grandes profecias, realmente possui um som familiar! Estas profecias estão sendo agora plenamente cumpridas. Os planos do Senhor estão sendo revelados diante de vossos olhos, se apenas quereis abri-los e observar o que está acontecendo ao vosso redor. Não desperdiceis mais tempo com especulações e dúvidas, mas investigai mais detidamente esses princípios, e por vós mesmos, sabereis que o que disse é verdade. Reuni-vos a nós, para servir ao único Deus vivo e verdadeiro, e qualificai-vos para merecerdes as grandes bênçãos que Deus vos reservou nestes últimos dias. Também podeis tornar-vos salvadores no Monte Sião para vossa família e amigos, enquanto aquela pedra cortada do monte, sem mãos, rola adiante para encher a terra inteira. Que o reino de Deus está agora em processo de expansão sob a liderança de verdadeiros profetas de Deus, eu testifico em nome de Jesus Cristo. Amém.

Todos Podem Participar da Benção de Adão

Eldred G. Smith

Patriarca da Igreja

Cada dispensação traz novo relevo do Sacerdócio, com todas as bençãos inerentes.

Depois de Adão e Eva terem sido expulsos do Jardim do Éden, foram-lhes ensinados os princípios do Evangelho e o plano de salvação — o plano que lhes permitiria retornar ao Pai nos céus. Foram também instruídos a ensinar esse plano do Evangelho a seus filhos.

Mas seus filhos, de um modo geral, não aceitaram os ensinamentos — exceto Abel. Abel foi morto; depois, entre outros mais, nasceu Sete, que aceitou os conselhos de Adão.

O Senhor prometeu a Adão que ele teria uma semente justa que continuaria até o fim do mundo, conforme está registrado no Livro de Moisés: "E, naquele dia, desceu sobre Adão o Espírito Santo, que dá testemunho do Pai e do Filho, dizendo... assim como caíste, possas ser redimido, e também toda a humanidade, mesmo tantos quantos quiserem". (Moisés 5:9).



No capítulo seguinte, encontramos: "Ora, esse mesmo Sacerdócio, que existiu no princípio, existirá também no fim do mundo.

"Esta profecia Adão a pronunciou por inspiração do Espírito Santo, e se registrava a genealogia dos filhos de Deus..." (Moisés 6:7-8).

Tornou-se ela o registro da semente nobre, que é pelo menos em parte, um registro do cumprimento dessa promessa, e que possuímos hoje, ainda que não completa, conhecida como a Bíblia.

A revelação moderna diz assim:

"Essa ordem foi instituída nos dias de Adão, e desceu por linhagem da seguinte maneira:

"De Adão a Sete, o qual foi ordenado por Adão na idade de sessenta e nove anos, e por ele abençoado três anos antes da morte deste (Adão), e por seu pai recebeu de Deus a promessa de que a sua posteridade seria a escolhida do Senhor, e seria preservada **até o fim da terra"**. (D&C 107:41-42. Grifo nosso).

Esta promessa foi novamente repetida a Abraão que era a posteridade de Sete:

"E abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra". (Gên. 12:3).

"E em tua semente serão benditas todas as nações da terra; porquanto obedeceste à minha voz". (Gên. 22:18).

Possuímos um excelente registro na Peróla de Grande Valor, o Livro de Abraão, que descreve como esta bênção se aplica a nós hoje em dia. Falando de Abraão, disse o Senhor:

"E farei de ti uma grande nação, e te abençoarei sobremaneira e farei teu nome grande entre todas as nações, e será uma bênção à sua semente depois de ti, para que em suas mãos levem este ministério e Sacerdócio a todas as nações;

Todos Podem Participar da Bênção de Adão

"E eu os abençoarei através de teu nome; pois quantos receberem este Evangelho, serão chamados segundo teu nome, e serão contados entre tua semente, e se levantarão e te abençoarão, como seu pai;

"E eu abençoarei aos que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti (isto é, em teu Sacerdócio) e em tua semente (isto é, em teu Sacerdócio), pois te promete que este direito continuará em ti, e em tua semente depois de mim (que é, por assim dizer, a semente literal, ou a semente corporal), serão abençoadas todas as famílias da terra, mesmo com as bênçãos do Evangelho, que são as bênçãos da Salvação, até mesmo da vida eterna". (Abr. 2:9-11).

..."assim como caíste, possas ser redimido e também tôda a humanidade"...

Esta bênção foi renovada a Isaque, filho de Abraão, e depois a Jacó, que veio a ser Israel, e depois dividida entre seus doze filhos, cada um formando uma tribo, conhecidas como as tribos de Israel.

Quando uma pessoa recebe a bênção patriarcal, ela faz jus a um pronunciamento das bênçãos de Israel, ou seja, a declaração da tribo de Israel através da qual virá a sua bênção. Este é o direito às bênçãos daqueles registrados no livro de recordações, iniciado nos dias de Adão.

Isto não quer dizer que todas as nações da terra se tornarão descendentes literais de Abraão, embora a sua semente possa estar espalhada por todas elas, mas como diz, todos receberão suas bênçãos através daqueles que são a semente de Abraão, e serão contados como sua semente, e se levantarão e o abençoarão como seu pai. (Vide Abr. 2:10).

Se os membros da Igreja são descendentes literais de Abraão, receberão uma bênção assim. Se não o forem e ingressam na Igreja e aceitam o Evangelho, receberão as bênçãos do Sacerdócio, mesmo a vida eterna, através daqueles que são de Israel ou são assim considerados por adoção.

Assim sendo, todas as nações e famílias da terra podem receber as bênçãos do Evangelho e vida eterna, através da sua fidelidade. Para que a promessa feita a Adão seja cumprida, torna-se óbvia, pois, a necessidade de uma renovação periódica da liderança do Sacerdócio, através de um profeta de Deus no decorrer dos tempos. Esses períodos costumam ser chamados de dispensações: De Adão a Sete — a Enoque e a Noé — a Abraão — a Moisés — a Elaías — a João Batista — a Jesus Cristo — aos apóstolos Pedro, Tiago e João.

Cada dispensação traz consigo um novo relevo do Sacerdócio; um refortalecimento da oportunidade dada ao homem de receber as bênçãos do Evangelho, provando-se na resistência aos poderes do adversário.

A última dispensação deve ser a da plenitude dos tempos. O apóstolo Paulo descreveu-a em sua epístola aos efésios:

"Descobrindo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo.

"De tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra". (Efésios 1:9-10).

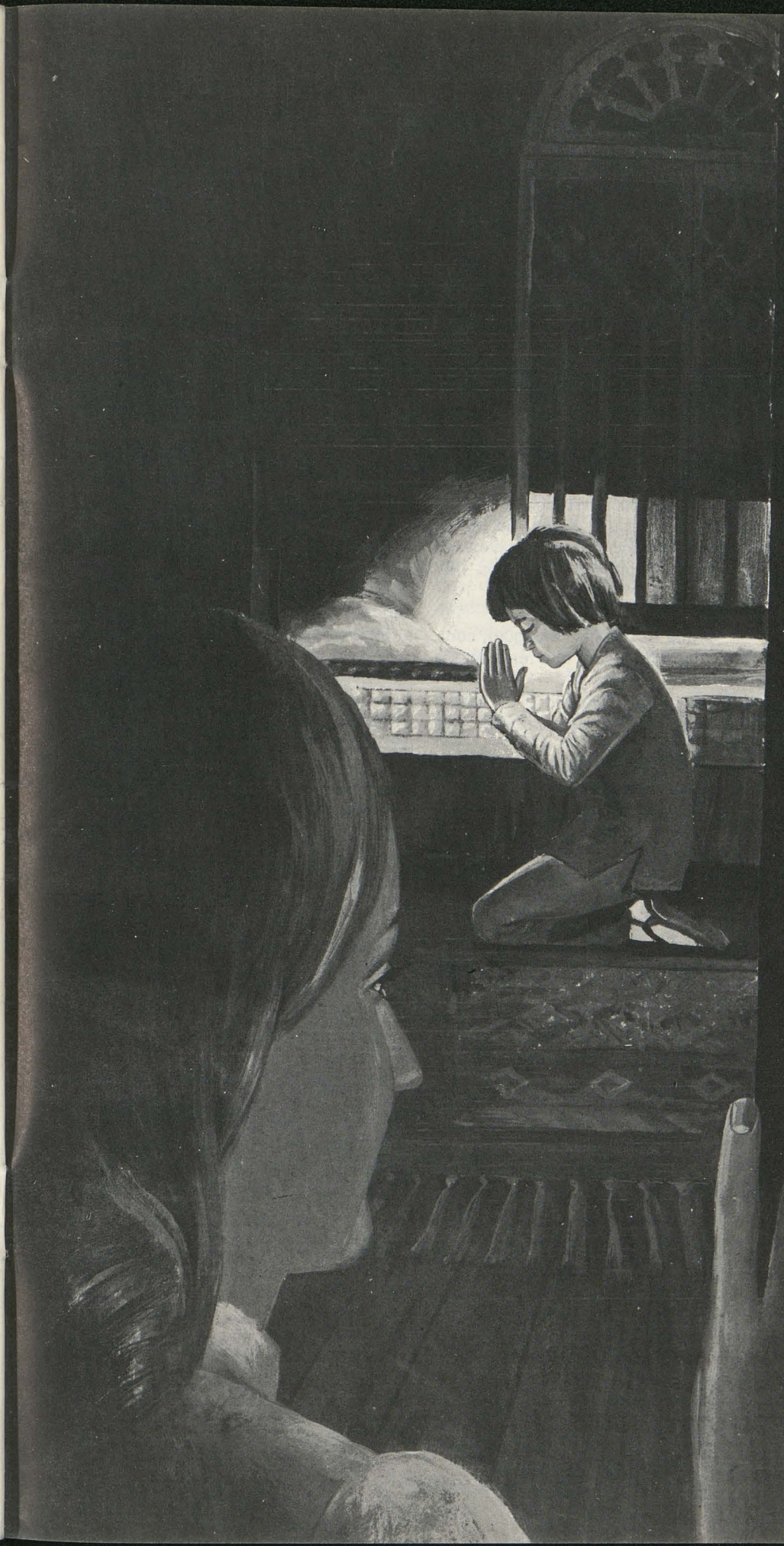
O Profeta Joseph Smith expressou-o desta maneira: "... que a dispensação da plenitude dos tempos é composta de todas as dispensações que já foram dadas desde o início do mundo até o dia de hoje". (Franklin D. Richards, **Compendium** 1898, p. 143), entendendo-se que este é o fim dos tempos, para preparar-se para a vida do reino milenial do Senhor Jesus Cristo sobre a terra.

Testifico-vos que hoje é este tempo. O Evangelho de Jesus Cristo está presente na terra com todas as chaves do Sacerdócio, a fim de abrir o caminho para a sua vinda.

Joseph Smith foi chamado por revelação, como o foram os profetas de antigamente. João Batista restaurou a ele e a Oliver Cowdery, as chaves do Sacerdócio Aarônico, tendo sido seguido por Pedro, Tiago e João que fizeram o mesmo com as chaves do Sacerdócio de Melquisedeque. Elias voltou ao Templo de Kirtland e restaurou as chaves das bênçãos seladoras para os vivos e os mortos.

Joseph Smith conferiu todas as chaves ao Quorum dos Apóstolos antes de sua morte. Essas chaves da autoridade do Sacerdócio foram assim preservadas até o dia de hoje, e continuarão a anunciar o reino milenial de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo.

Convidamos todos a ouvirem, aceitar e abraçar este Evangelho, convite que se estende a todas as nações e famílias pelo mundo afora, a fim de que todos possam receber as bênçãos da vida eterna e sejam registrados no livro de recordações do Cordeiro e participem da semente nobre dos justos, mesmo as bênçãos de vida eterna. Testifico-vos que este é o seu reino, em nome de Jesus Cristo. Amém.



PACHANEE

Mickey Goodwin

Ross. Beth Ann. Richie. Chris e Sue. Meu lápis traçou a folha de papel, branca e vazia, inconscientemente fixando o meu mundo. Depois, terminada esta parte, começou a mover-se ociosamente no hábito de uma vida inteira — desenhar. Primeiro os olhos, distanciados e escuros, e depois, sem ementar qualquer face conhecida, sobrancelhas breves e arqueadas coroando o olhar. O lápis, movendo-se sem conexão com nenhum pensamento consciente, delineou um nariz largo, harmonioso, e debaixo dele, a boca delicada. Ao virar o lápis para sombrear as faces, de súbito descobri que não estivera absolutamente garatujando feições anônimas, pois ali, diante de meus olhos, junto aos nomes dos meus bem-amados, estava a imagem de Pachanee.

Pachanee, a simples, a inocente. Pachanee, a querida.

Sou uma americana diligente, e naquela primeira manhã na nova casa em Bangkok, eu estava virtualmente apostando corrida comigo mesma, desfazendo as malas e organizando nosso lar. Sentia-me impaciente com o calor e as ruas congestionadas, aborrecida pela longa estada no hotel com as crianças, a dificuldade de encontrar uma casa e a necessidade de arranjar uma auxiliar. Quando fui atender à porta, estava

PACHANEE

preparada para ser brusca e enérgica. O fato de morar na Tailândia não iria desfazer minha eficiência.

— Sim? — perguntei ao abrir a porta, percebendo só de relance o rosto da mocinha com a pele de um moreno dourado. Instantaneamente, inclinou a cabeça e juntou as mãos à altura do peito. Sua voz suave mal conseguiu atingir meus ouvidos impacientes.

— **Sa-wah-de,** — respondeu.

— O que deseja? — indaguei, com pouca esperança de que entedesse inglês.

— Sou uma doméstica, — explicou, levantando a cabeça sem me encarar.

Afastei-me para deixá-la entrar, convencida de que uma garota tão miúda e nova de nada me serviria, mas, antes de poder dizer o que havia preparado, ela falou novamente.

— Sou boa no trabalho, muito eficiente.

Lá se foi por água abaixo o meu discurso.

— Como você se chama? — perguntei.

— Pachanee, — respondeu finalmente, olhando para mim. De imediato, senti-me cativada pela monumental inocência da sua expressão e surpresa, por ver que estava totalmente confiante, sem medo algum.

— Qual a sua idade?

— Vinte e três anos. Eu vou morar com a senhora e ganho sete **baht** por semana.

Pronto, estava feito. Eu fora derrotada pela simplicidade.

Mostrei-lhe o cômodo minúsculo que nosso senhorio indicara ser destinado à empregada. Pachanee placidamente aceitou o alojamento com a cama dura, a pequena cômoda e sua única janelinha sem cortinas. Pôs a pequena caixa com suas coisas em cima da cama, tirou dela uma espécie de avental e se apresentou a mim, pronta para trabalhar. Durante todo o tempo que esteve conosco, nunca tive motivos de procurar outra auxiliar.

No decorrer dos primeiros meses do trabalho de Ross na Tailândia, mantive-me atarefada com nossos filhos, com o pequeno ramo — quase só de militares — e na escola americana. Pouco soube acerca de Pachanee, exceto que sua família vivia no interior perto de Korat, que aprendera a falar inglês na escola e que era budista. Ajudei-a a decorar seu quartinho e arrumar o cabelo, mas, de alguma forma, descurei o desafio da sua religião — na verdade, ignorei-o completamente.

Agora parece estranho que então não conseguira aprender o seu significado, mas toda vez que Pachanee sentava-se para ler às crianças — a fim de melhorar seu inglês, dizia — ela acabava nas Escrituras. Embora sempre estivesse presente na hora das reuniões familiares e da oração

em família, quando a convidávamos a participar, ela sorria serenamente e respondia: "Não obrigada, eu fico ouvindo".

Certa noite, Jerry Kirkham, jovem militar da Força Aérea, veio jantar conosco. Quando as crianças descobriram que ele cumprira uma missão, começaram a provocá-lo, chamando-o de "Élder Kirkham".

Pachanee achou graça e ao mesmo tempo ficou curiosa com as momices. Finalmente, em tom escusatório, perguntou ao Jerry:

— Por que o chamam de "élder"? O senhor não é velho.

Não pudemos deixar de rir; depois, Jerry explicou-lhe que na Igreja de Jesus Cristo, élder é um homem a quem Jesus deu a autoridade de dirigir, abençoar e curar em nome dele. Pachanee ouviu com intensa atenção suas explicações, e quando ele terminou, ela voltou-se para Ross e perguntou:

— O senhor também é élder?

Ross confirmou com a cabeça, disposto a explicar-lhe mais alguma coisa, ela, porém, apenas sorriu, e pedindo licença, saiu. Não havia nada que indicasse o efeito que aquele breve diálogo teria sobre todos nós.

Ainda que Pachanee fosse mais que bondosa e tolerante com as crianças maiores, Richie e Chris, ensinando-lhes brincadeiras, canções e costumes tailandeses, sua afeição pela pequenina Sue de olhos azuis beirava a adoração. Não me recordo de jamais tê-la visto inclinar-se para a criança; em lugar disso, costumava ajoelhar-se para cuidar dela, amarrar-lhe os laços, abotoar a roupa e lavar suas mãos. Sue amava Pachanee, seguindo-a como um cachorrinho por toda a casa e jardim. Nas raras ocasiões em que Pachanee ia para casa visitar a família, a pequena Sue de dois anos ficava choramingando por Pachanee o tempo todo.

Quando estávamos na Tailândia cerca de um ano, Sue ficou doente. A princípio, não pensei que fosse grave — apenas um pouco de febre que passaria em um ou dois dias. Mas, ao fim de quatro dias, fiquei preocupada, vendo que a medicação não fazia baixar a temperatura. Ross telefonava sempre que podia, e Pachanee entrava centenas de vezes por dia no quarto da criança. No sexto dia, o médico veio outra vez, para fazer novo exame e mais testes. Decidimos que Sue tinha que ser hospitalizada, se a febre não tivesse baixado até a manhã seguinte.

Naquela noite, Pachanee recusou o jantar, embora nos servisse como de costume. Achando que também ela poderia estar doente, levantei-me logo da mesa para ir ao quarto dela. Porém, ao passar pelo quarto de Sue, ouvi o tom suave da voz de Pachanee, premente, urgente, não com a entonação habitual que usava para falar com a criança. Estanquei, e pelo arco encortinado, vislumbrei a figura miúda, morena de Pachanee, ajoelhada ao lado da cama de Sue, orando.

"Durante toda minha vida fui budista", dizia, mas agora sei de Jesus. Ele diz no livro "Pedi" e por isso eu peço. Curai a pequena Sue. Ela é tão pequena, novinha demais para estar doente, Tu e Jesus façais com que melhore. Não sou mais budista. Eu conheço Jesus Cristo".

Então, voltou-se e vendo-me, não ficou nem um pouco embaraçada por tê-la encontrado orando ao meu Deus.

— Por que a senhora não chama o Élder Kirkham como manda o livro? — perguntou com o único sinal de impaciência que jamais a vi demonstrar...

Meus dedos continuavam trabalhando com o lápis o macio e suave contorno do rosto de Pachanee. Jamais viveu uma filha mais bela de Deus!

E às margens dos **klongs**[2], manejando antigos teares à sombra das cabanas erguidas sobre estacas, vendendo flores nas praças do mercado, plantando verdes mudas de arroz, e ainda ajoelhada na sombra silenciosa, pétrea de Buda, está a nação do povo de Pachanee — esperando — filhos e filhas de Deus.

---

1 "Élder" no sentido literal significa ancião. N. do Trad.

2 Canais, cursos d'água. N. do T.

ÉLDER RICHARD L. EVANS

1906 - 1971

Marion D. Hanks

Assistente do Conselho dos Doze

Quando **Élder Richard L. Evans** a 1.º de novembro de 1971, deixou suavemente esta vida mortal, ficou um imenso e incomensurável vazio. Em lugares distantes e elevados e lares humildes e corações incrédulos, o impacto crescente em direção às palavras do poeta, sugere:

> "Parece um orgulhoso cedro, de verdes galhos, que vai abaixo com um grande grito sôbre as colinas, e deixa um vazio atrás de si."

Richard Evans foi uma personalidade famosa, honrado como um apóstolo do Senhor pelos membros d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias no mundo todo, amado e respeitado por milhões como o criador da "A Palavra Proferida" do Côro do Tabernáculo através do rádio diretamente da Praça do Templo em Salt Lake City, e largamente conhecido em mais de cem países como presidente do Rotary Internacional.

Presidentes e magistrados e um grande número de amigos prantearam sua morte e expressaram seu pesar e amor à sua desolada família.

Todavia nada disso foi prognosticado no humilde princípio de seu nascimento. O mais jovem de nove filhos, perdeu seu pai em um acidente quando tinha dez semanas de idade, sua vida e caráter foram formados por sua mãe que manteve a família unida com sacrifício, coragem e fé.

Ninguém preparou um caminho calmo para notoriedade neste mundo de Richard Evans. Ele recordou várias vezes que jamais deixou de ir a escola sem antes fazer algum trabalho extra ajudando a manter-se. Cultivou e vendeu flores, distribuiu jornais, trabalhou anteriormente numa fonte de soda, dirigiu caminhão, vendeu artigos de lã, trabalhou em publicidade e impressão e equipamentos para construção de estradas de ferro, e ao longo dêsse caminho começou a trabalhar como principiante no ramo de rádio.

Depois de frequentar a Universidade SUD, estudou na Universidade de Utah mas interrompeu seus estudos ao aceitar um chamado missionário. Durante aproximadamente três anos serviu na Grã-Bretanha, tornando-se editor associado do jornal **Millennial Star** e mais tarde secretário da Missão Européia.

Após sua missão o Élder Evans associou-se a estação de rádio KSL em Salt Lake City e retornou à Universidade de Utah, da qual recebeu os gráus de bacharel e mestrado, com louvores. Durante este período e o subsequente tornou-se reconhecido como locutor de rádio e executivo de projeção.

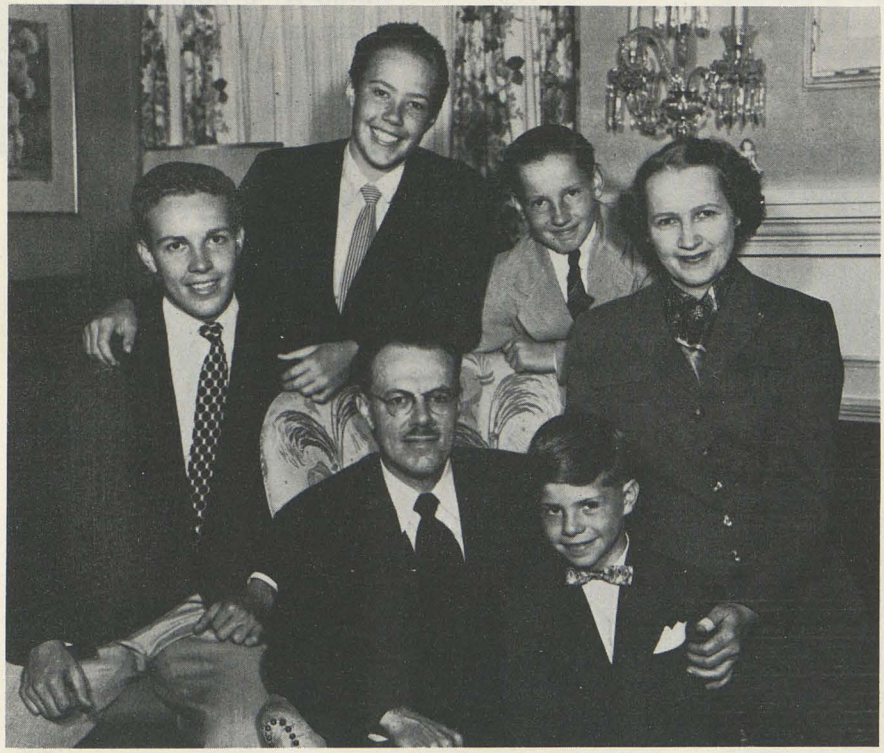
A proeminência de Richard L. Evans no mundo inteiro começou em 1930 quando foi designado produtor e locutor do recém estabelecido programa de âmbito nacional do Côro do Tabernáculo. Como produtor do programa escreveu e proferiu seus, sempre oportunos, e pequenos sermões de enlevo espiritual cada manhã de domingo por mais de quarenta anos, até à sua morte. Sua incisiva, confortante inspiração motivadora penetrou os lares e vidas de milhões. Para milhares de pessoas que não conheceram pessoalmente a teologia d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, êle foi a única igreja que êles conheceram e a única religião que formalmente experimentaram. Outros sem conta prepararam sua adoração através de seu programa de rádio.

Seu dom literário reconhecido quando ainda em missão levou o Élder Evans, aos trinta anos, à designação de editor dirigente da **Improvement Era**, onde serviu com distinção por mais de três décadas.

Aos trinta e dois anos de idade êle se tornou uma Autoridade Geral da Igreja. Seu chamado ao Primeiro Conselho dos Setenta conduziu-o a uma extensiva oportunidade missionária. Foi chamado pelo Senhor para ser um apóstolo e um membro do Conselho dos Doze em outubro de 1953.



Richard L. Evans ao microfone durante o programa de rádio do Côro do Tabernáculo.



Richard L. e Alice Thornley Evans com seus filhos: William, em frente, e da esquerda para direita, Richard L. Jr., Jon Thornley, e Steven. (Tomada em 1953 quando Élder Evans tornou-se um apóstolo).

Onde quer que seus discursos o levaram, em reuniões da Igreja ou fora dela, êle proclamou arrependimento e ensinou princípios eternos, do valor da vida, da bondade de Deus, das bênçãos eternas e coisas duradouras. Viveu desinteressadamente servindo a Deus, ajudou seus companheiros, usando seu tempo e talentos no progresso do trabalho do Senhor e do bem estar humano.

Nos momentos de crises e necessidades pessoais, era grande o número de pessoas que se lembravam de Richard Evans, e êsses abrangiam os importantes e os humildes, membros da Igreja ou aqueles que não o eram. Em sua doença, amigos que encontrou durante sua vida, viajaram longas distâncias para estar no hospital ao seu lado e encorajando sua família, e no seu funeral, a 4 de novembro haviam elementos representantes das muitas comunidades que em todas as partes do mundo, ele alcançou com seu trabalho.

A poucos pés do escrínio no qual seu corpo repousava durante o serviço funerário realizado no Tabernáculo da Praça do Templo, estavam sentados sua amada espôsa Alice e os quatro filhos nascidos dessa união, com alguns de seus netos. Em pé no repleto edifício estavam seus amigos entre as Autoridades Gerais. O Côro do Tabernáculo cantou para êle, e as paredes ressoavam com a música num agradecimento sincero.

O nome a vida e o ministério de Richard Evans não serão esquecidos. Ele é e será eternamente lembrado "hoje e sempre".



UNIFORMES

Na foto as jovens integrantes da equipe de volei, do Ramo IV, campeã no torneio realizado na JODISPA. Destacamos os traços do uniforme, pois será adotado e padronizado em tôda a MBS. São alegres, confortáveis e cada ramo poderá escolher a côr de preferência, se bem que o vermelho já foi escolhido pelas campeãs.

NOTÍCIAS

JODISPA

Os Jogos Distritais de Pôrto Alegre foram o grande acontecimento do mês de novembro, na Missão Brasil Sul. O Ramo IV foi o vencedor da maioria dos esportes individuais. Entretanto, no futebol de salão o grande vencedor foi o Ramo II "o segundinho", alcançando a invejável posição de **campeão distrital.**

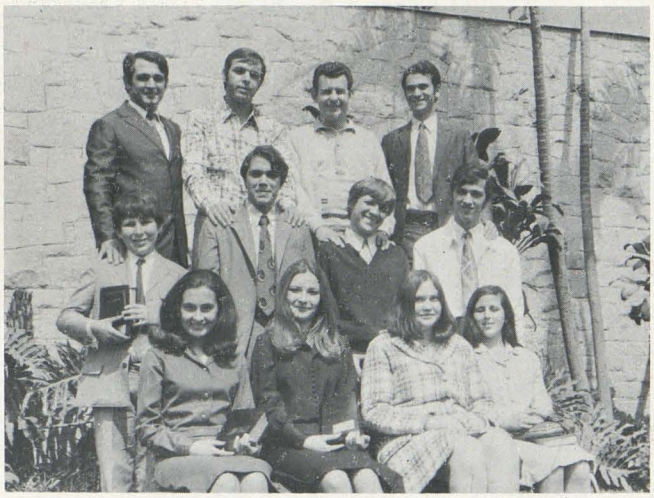
MISSÃO BRASIL SUL

Mauro Guterres Freitas



CONFERÊNCIA

No Centro Distrital de Pôrto Alegre, realizou-se nos dias 13 e 14-11-71, a Conferência Anual dos Presidentes de Distritos e Ramos da MBS, estiveram presentes 60 líderes que compõem o quadro da Missão.



Comitiva do Distrito de Campinas



Integrantes da equipe araraquarense

Concurso de Escrituras

Missão Brasil Central

Jovens dos distritos que compõem a Missão Brasil Central, deram prova de preparo espiritual, respondendo as inúmeras perguntas que lhes foram formuladas a respeito do Evangelho de Mateus, Livro de III Néfi, Seção 20 de D&C e do Livro de Abrãao.

Os participantes, rapazes e moças em idade do Sacerdócio Aarônico, que estiveram reunidos dia 5 de setembro p.p., nas instalações da Casa da Missão em São Paulo, foram previamente escolhidos, em seus ramos e em seguida nos distritos, representando-os na etapa final do concurso.

Foram qualificados em primeiro lugar, os seguintes jovens:

Diáconos e Abelhinhas
Israel Ribeiro (Distrito de Campinas)
Mara Lúcia Gazzi (Distrito de Campinas)
Mestres e Meninas Moças
João Sikorski (Distrito de Curitiba, atual Estaca)
Marcia Regina Gassi (Distrito de Campinas)
Sacerdotes e Laureis
Edison M. L. Guimarães (Distrito de Campinas)
Nair Aparecida Rodrigues (Distrito de Araraquara)

Parabéns, aos vencedores.

Participantes curitibanos



Caravana do Distrito de Londrina



